

HISTÓRIAS DE TERROR
ACONTECEM ONDE NINGUÉM QUER OLHAR.

PÁGINAS — E — SOMBRAS

ALGUMAS
HISTÓRIAS
NUNCA
DEVERIAM
SER
ESCRITAS.

ELETIVA 2026

JOMA CRUZ

Entre páginas e sombras

ORGANIZADORAS

SUZANA DE SOUZA SOARES E

TALYTHA CRISTINE RIBEIRO DUARTE

ANNA CLARA NUNES PINTO

BARBARA LISBOA DUARTE

BEATRIZ DE AVELAR RODRIGUES

CAIO CESAR OLIVEIRA DE SOUSA

CATHERINE PELLICER BERBERY

GABRIEL MARCELLINO BACIGA DOS SANTOS

GABRIEL OLIVEIRA ACETOZZI

HELENA OLIVEIRA DOS SANTOS BEZERRA

ISABELLA PEREIRA MANZETTI

JOAO PEDRO ESTRELLA BARBOZA

JULIA ANGÉLICA

JULIA LEONE DE SOUZA

JULIO CESAR GORGATI DO CARMO

KAUAN RODRIGO ALVES MATOS

LAIS SABINO BARBOSA VENANCIO

LAURA CANNATA TREVISAN

LEONARDO CAETANO DA SILVA

LEONARDO OLIVEIRA RAMOS

LORENA NAVARRO VAZ

LUCAS HIDEKI AWOKI PEREIRA

LUCIANNE DE FREITAS NONATO

LUIZA SCARIN JUNQUEIRA STRICK

MARCELA XAVIER CANDIDO

MARIA CLARA FERREIRA SOARES

MARIA EDUARDA DA SILVA LIMA

MATHEUS HENRIQUE REIS SILVA

NICOLAS REIS CUSTODIO DE OLIVEIRA

NOX DAS NEVES

NYCOLAS RIBEIRO DA SILVA

RAPHAEL FERREIRA BARBOSA

RUAN CARLOS DA COSTA ALVES

RYAN HENRIQUE TEIXEIRA VILAS BOAS

SARAH TURCHETTO TELLES DA SILVA

SOPHIA SANTOS DE SOUZA

THYFANNY LUISA LARIA SILVA PEREZ

© E. E. José Marques da Cruz

Nossa escola do coração

Quando o sinal toca e os corredores ficam vazios, histórias começam a surgir.

Este livro apresenta contos de terror escritos pelos estudantes inspirados em mistérios, lendas urbanas e acontecimentos imaginários ambientados na própria escola.

Por trás de cada porta fechada, em cada sala silenciosa e em cada sombra projetada pelos corredores, há uma nova história esperando para ser descoberta.

Mais do que uma coletânea de histórias, esta obra representa a expressão artística, o trabalho colaborativo e o desenvolvimento da escrita criativa dos estudantes participantes.

Convidamos você a percorrer estas páginas com coragem, pois nem tudo o que acontece aqui pode ser explicado...

2ª edição – 2026

São Paulo – SP

Sumário

Prólogo.....	9
Primeiro Entrave.....	12
Amor de mãe.....	20
O chamado dos tambores.....	24
Quando as luzes piscam.....	28
Experimentos.....	34
No Vazio.....	40
O último saque.....	49
O que aconteceu com Alex?.....	54
Quem será o próximo?	62
Um segredo obscuro	71
O vislumbre.....	77
A última medalha.....	82
O último ensaio	86
Você consegue me ver?	90
O estacionamento.....	95
O legado de Erick	99
Querido Diário.....	103
O corpo esquecido	109
A moldura	113
Choque hipovolêmico	118
Depois do último sinal.....	122



*Aos estudantes que deram vida a estas histórias e a todos os leitores que
ousarem descobrir seus mistérios*

Grandes transformações acontecem quando unimos forças.
*Nosso sincero agradecimento à **Fundação Abrinq**, a diretora **Ana Eliza Gomez**, a vice-diretora **Maria Claudia Mesquita**, aos coordenadores **Gabriela Rodrigues Nery e Rafael Domingues da Silva**, por acreditarem em nosso trabalho e fazer parte desta jornada.*



PRÓLOGO

Caro leitor,

Este livro nasce de um encontro entre artistas que têm o mesmo objetivo: contar histórias. A narrativa funciona há milênios como uma forma de expressão que garante a interação entre povos como forma de informação e entretenimento, de modo que a nossa intenção é justamente essa: entreter o leitor.

Aqui, são narradas histórias fictícias de um universo paralelo, que não tratam exatamente do que aconteceu, mas sim do que poderia acontecer. Assim, reunimos nestas páginas um mundo de possibilidades (não probabilidades), saídas da imaginação de um grupo de estudantes criativos e motivados.

Adiantamos nossos pedidos de desculpas pela inverossimilhança e pelo nosso tom peculiar para compor as escritas. A intenção não é chocar você, mas sim exercitar a expressão criativa de todo o grupo, extraindo o que cada um tem de melhor, seja na escrita, seja na ilustração.

Ao longo dos contos, você será levado a conhecer outro lado da nossa escola (sem nenhum compromisso com a verdade), fruto da imaginação de um grupo de estudantes ligeiramente macabros e inexplicavelmente criativos.

Boa leitura e boa sorte!

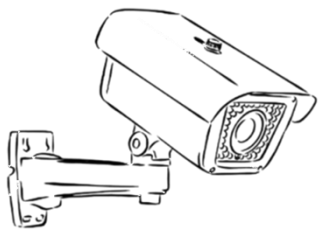
Suzana de Souza Soares e Talytha Cristine Ribeiro Duarte
Organizadoras





SALA 11

Beatriz de Avelar



Primeiro Entrave

Sala 11

Beatriz de Avelar Rodrigues

Primeiro dia de uma vida nova. Casa nova, escola nova. Quanto maiores as mudanças, mais difícil é a adaptação. “Você vai se acostumar, filho. Recomeços fazem parte e são necessários para a gente amadurecer e saber o que queremos da vida”, é o que minha mãe costuma dizer, mas será? Acho que, se todos os tormentos que eu tenho guardado dentro de mim ultimamente fossem um lugar, seria do tamanho dessa escola. Diante dela, me sentia tão pequenino e fácil de pisar, insignificante, despercebido e invisível. Sem luz, aluno.

Respire fundo, veja pelo lado bom, ninguém vai perceber você, e talvez os outros alunos pensem a mesma coisa, talvez eles queiram que eu não os olhe também. É desse jeito que a gente cultiva essas tais “relações intrinsecamente humanas”, como meu pai dizia. Ninguém vai te ver, ninguém se importa. É um bom jeito de começar amizades, penso.

Chego na escola, é difícil se perder nas pequenezas dos próprios pensamentos dentro de uma escola tão assustadoramente e colossalmente e grandiosamente gigante, mas sigo firme, a cabeça sempre baixa, porque ninguém enxerga ninguém. Dizem que isso é coisa de garoto descolado; outros, de menino esquisito; cada um com suas nomenclaturas.

Eita, qual era a minha sala mesmo? Caramba, esqueci! Só de pensar em pegar o celular para verificar o número da sala, com tantos monitores por aí, um calafrio percorria a espinha. Não vale a pena arriscar, não no meu primeiro dia. Melhor eu perguntar para alguém, e quem sabe eu cultive novas amizades e, caso não, o máximo que podem fazer é dar os ombros sem nem me olhar nos olhos. Abordo um grupinho de meninas:

— Bom dia, alguma de vocês poderia me ajudar a encontrar a minha sala? Eu sou aluno novo... — Digo, e uma delas pergunta se eu sou do primeiro ano, aceno com a cabeça em confirmação, então ela fala para eu ir dar uma olhada na sala onze, final do corredor. Nesse momento, elas se entreolham, pedindo para eu tomar cuidado. Pelo jeito que falaram, até pareciam preocupadas, mas pelas risadinhas, era meio difícil dizer se estavam mesmo. Não entendi o aviso.

Vou andando pelos corredores, tão assustadora e extensivamente compridos. Conforme eu ando, os alunos entram em suas respectivas salas, deixando os espaços liminares cada vez mais vazios, apenas eu e as pequenezas da minha própria mente que eram ofuscadas pela grandeza dessa escola. Como um tênis pisando numa latinha de refrigerante, sabe? Mesmíssima sensação.

No final dos corredores, as luzes eram bem fracas, acendendo e apagando de vez em quando, em um padrão. As paredes são desgastadas e marcadas de memórias que guardam a identidade daqueles que já estiveram aqui, mas que hoje em dia, são tão insignificantes quanto eu, não passando de meros rabiscos em canetão azul, preto ou vermelho. O território de todos e de ninguém. Será que eu vou gostar tanto dessa escola ao ponto de, um dia desses, tornar-me um rabisco na parede também?

Uma sensação esquisita se instaura dentro do meu peito, como se aquela porta estivesse, de alguma forma...me chamando. Chego em frente à porta da sala onze e ela está trancada, com algumas fitas e um papel escrito “Interditado, não entre”. A sensação estranha aperta dentro de mim, sinto uma vontade exorbitante de abri-la, apesar do aviso.

— Há um vazamento aí dentro, um demônio, um portal, o desaparecimento de um professor que nunca conheci... a história muda de pessoa pra pessoa. — Alguém que acabava de sair do banheiro diz, atrás de mim.

— Ah, disseram que o pessoal do primeiro ano estaria aqui...

— Você é um trouxa mesmo, melhor ir se acostumando. Ninguém entra nesse lugar sinistro há tempos, rola uns rumores de tudo que se pode imaginar. Se eu fosse você, cairia fora.

O menino mais velho, já de barba e nitidamente do terceiro ano, se retira sem mais nem menos. Eu encaro a porta por mais alguns segundos e a sensação estranha ainda estava lá, exalando daquela porta. Não era um “estranho” ruim, nem bom, difícil descrever. Um chamado. Tudo nessa escola me faz sentir deslocado.

O dia foi relativamente normal, triste por ter que dizer aos meus pais que não fiz amigos novos, apesar de trombar com aquele mesmo grupinho de meninas que vira mais cedo, acompanhadas de vários meninos altos e de corpos definidos — talvez sejam os namorados? —, preenchendo os corredores com risadas escandalosas. Elas olharam para mim, apontaram e cochicharam alguma coisa para os meninos, e de repente todos deram uma olhadinha por cima do ombro e desviaram os olhares, como se eu não tivesse percebido...

No dia seguinte, a escola continuava assustadora, colossal e gigante. Me perdi de novo entre os corredores e as escadarias, além dos horários do mural que eram o dobro ou o triplo de aulas que eu tinha na minha antiga e verdadeira escola. E foi nessa que eu, quase na metade do dia, esbarro com aquele mesmo grupo de meninas e meninos de ontem, e eles me chamaram com muito entusiasmo. Achei estranho, recuando no começo, mas me lembrei do que meus pais disseram, então decido ir até eles.

— Novato, você não tem amigos, né? Vem com a gente, vem. Nós não morde, menos ela. — Um dos meninos diz e aponta para uma das adolescentes, e o grupo se une entre risadas brincalhonas e tapinhas.

Não acho tanta graça assim, mas os músculos da minha face se contorcem em um sorriso, só de pensar que eu acabara de fazer novos amigos e como eles me acolheram com tanta facilidade. Começo a andar com eles, fico bem na meiúca do grupo, e percebo que todos estavam indo para o

final dos corredores e, mais precisamente, nos corredores em que as luzes ficam piscando. As paredes amareladas, rabiscadas e desgastadas.

O corredor da sala onze.

Um deles puxa um marcador de lousa do bolso, perguntando o meu nome e o escrevendo nos rebocos amarelados. Minha identidade, agora gravada junto das demais, vai escorrendo numa liquidez fresca e avermelhada. A escola ainda era assustadora demais para eu simplesmente ser tatuado em sua pele, sem ao menos cultivar uma familiaridade. Mas já não dava para voltar ao passado, por mais que eu quisesse, meu nome agora está nas paredes. Eu pertenço ao Joma Cruz.

— Já te contaram sobre o que tem dentro da sala onze? — Perguntam para mim, e eu digo que “não exatamente”.

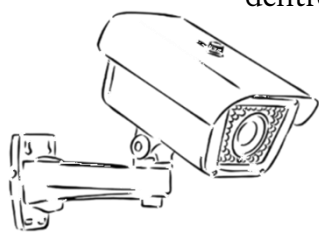
— Ontem mesmo um outro aluno me alertou sobre o vazamento de gás venenoso, o demônio e o desaparecimento de algum professor, e que eu não deveria entrar nesta sala.

O grupo diz que é bobagem, e eu entro em um embate mental entre qual deles dizia a verdade.

— Se quiser andar com a gente, vai ter que fazer o que mandamos. Tem uma coisinha lá dentro, que queremos que você pegue. Pode ser?

— Mas... e as câmeras de segurança? — pergunto, inseguro.

— Nenhuma funciona, é só pra botar medo nos alunos.



Um deles retira da mochila uma chave. Ele destranca a porta e a abre lentamente, revelando o ambiente tão misterioso até então. Era uma sala comum, mas uma estranheza pairava no ar, as carteiras entrelaçadas em uma bagunça, o chão imundo e a lousa marcada de repletas anotações de aulas passadas, mensagens obscenas e ossos decorativos, tão realistas que pareciam de verdade.

Adentro a sala, prestes a perguntar o que eles queriam exatamente, quando ouço um baque forte ecoando atrás de mim e o som de fechadura. Me disparo contra a porta, em confusão, grito pelo grupo e bato múltiplas vezes enquanto eles riem do outro lado, até não conseguir ouvir mais ninguém. Desfiro chutes contra a tranca na tentativa de arrombá-la. Olho para todos os cantos tentando encontrar algo que possa me ajudar, até perceber uma frase escrita na lousa.

Tenho quase certeza de que não estava ali antes: “Não há saída”. Convenço-me de que era só mais uma das brincadeiras idiotas daquele grupo que passou despercebido por mim, de alguma forma, e continuo a chutar a porta até eu conseguir quebrá-la. Saio correndo pelos corredores, não sei exatamente se eu estou indo atrás daqueles idiotas ou se quero chegar a tempo na aula, mas continuo e continuo correndo pelos corredores, de sala em sala. Desde quando os corredores eram tão longos assim? Espera, não eram onze salas?

Paro abruptamente. Olho aos arredores e percebo que não há ninguém por aqui, nem alunos, nem professores, nem monitores e nem mesmo a gestão. Até penso que todos poderiam estar dentro das suas respectivas salas, mas não havia um barulho, uma faladeira, uma gritaria, uns cochichos sequer. Nada. O silêncio é tão ensurdecedor que posso ouvir os meus próprios batimentos contra o peito.

Quando foi que os corredores ficaram tão cheio de portas? Decido contá-las. Sala um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze... doze, treze, quatorze, quinze.... Não, isso não está certo. Que andar é esse?! Conto novamente, e de novo e de novo, há infinitas salas, mais do que onze, há quinze, vinte, incontáveis portas. Meu peito sobe e desce freneticamente, volto para a sala onze e tento abrir a porta, mas está trancada. Como?! Se eu arrombei a fechadura! Ouço um grunhido animalesco vindo das escadas do andar de cima, minhas pernas começam a correr sem nem se preocupar em saber o que emite aquele som terrível. Quanto mais corro, mais portas e escadarias – que não levavam a lugar algum – aparecem. Os grunhidos se tornam mais altos, mais próximos a mim. Eu tento gritar por ajuda e por alguém. Ninguém. Me escondo no banheiro, meus braços envolvendo as pernas, fechando meus olhos com força e desejando que tudo aquilo acabasse.

— Ei, jovem! Precisa de ajuda? — Meu coração para. Uma voz? Fico um tempo sem silêncio, até sair lentamente da cabine do sanitário. Me inclino sobre a porta e olho de soslaio, há um homem adulto olhando diretamente para o banheiro, noto que a camiseta branca dele estava rasgada e suja. Ele tinha cabelos escuros beijando os ombros, barba e óculos tortos e quebrados. Parecia preocupado, mas feliz por me ver, julgando pelo sorriso de canto.

Ele pergunta se eu estou bem, e sinto um alívio imediato. Corro até o adulto, enchendo-o de perguntas, não sabia onde estava e nem para onde ia. Ele repousa uma de suas mãos sobre meu ombro, assegurando de que tudo iria ficar bem.

— Que merda há de errado com essa escola? Que lugar é esse? Como eu saio daqui?! — disparo a perguntar, desesperado.

Seu olhar cai para os pés, decepcionado. Ele respira fundo, antes de soltar a informação que causaria um chiado em meus ouvidos como um rádio fora de sintonia, meu corpo congelando por completo:

— Não há saída deste lugar.

— Espera, você é o tal do “professor desaparecido”?

O homem acena com a cabeça, confirmando a minha pergunta:

— Estou preso neste lugar há sei lá quanto tempo, desisti de contar. Venha comigo, eu tenho um abrigo. Me chamo Matheus, professor Matheus.

Começamos a subir e descer escadas sem nexos, caminhando por corredores que parecem intermináveis, os passos apressados. Ao contrário de mim, Matheus parecia saber muito bem onde estava indo, me guiando pelas salas que dão em outras salas, o que me dá enxaqueca toda vez, porque elas me fazem lembrar da ideia de que eu não conseguiria sair daqui. As portas e paredes estavam sinalizadas no que pareciam ser marcações para não se perder.

— Essas portas são tipo... organismos. Elas possuem padrões próprios, apesar de parecerem aleatórias, difícil explicar. Não sou professor de matemática nem de biologia nem explorador, então tento entendê-las à minha maneira. — Ele abre uma das portas, o seu número era vermelho: quarenta e quatro; ao contrário das outras numerações acima das entradas das salas de aula, os números são tingidos de preto.

O abrigo está repleto de armários, janelas bloqueadas e carteiras quebradas, algumas afiadas que claramente serviam como armas de combate, outras queimadas, junto de apostilas. Talvez uma fogueira? A lousa está repleta de anotações confusas sobre a estrutura complexa da escola: possíveis saídas, pontos seguros, perigosos, suprimentos e lugares não explorados sinalizados por pontos de interrogações. Matheus pede para eu ficar à vontade, que precisava sair para buscar comida.

— Você vai demorar? Vai mesmo me deixar aqui, sozinho?

O homem sequer olha para mim, encarando a porta por alguns anos ou minutos, antes de dizer de forma inesperadamente ríspida.

— Não saia daqui. Volto já. E ele sai. Silêncio.

Fico no aguardo por horas. Nada de Matheus. Meu celular estava prestes a descarregar, sem internet e sem ninguém para ligar. Não importava se eu digitava o número do meu pai ou da minha mãe na chamada a cobrar, todas as vezes, eu recebia a mesma resposta: “O número que você ligou está fora de área ou não existe”.

Ansioso e assustado, decido sair daquela sala, mas não sem antes pegar um canetão de lousa. Grito pelo professor, mas não obtenho respostas. Antes de me afastar da sala, anoto em meu braço o número da sala — quarenta e quatro, por precaução. Vou fazendo algumas setas nas paredes para não me perder, memorizando o caminho percorrido.

Enquanto caminho, posso ouvir aqueles mesmos grunhidos animaisos que ouvira antes, e minha mente grita para eu voltar para o abrigo. Vou correndo e seguindo as setas, mas quando estou prestes a entrar na sala novamente, percebo que a porta está... aberta. Por um instante, acho que pode ser Matheus, mas uma criatura negra e horrenda sai lentamente da sala. Ela anda sobre quatro patas, corpo esguio e o rosto pálido, do avesso. Saio em disparada, sem nem olhar para trás. Grito por Matheus até que minha garganta rasgue. As portas não passando de borrões cinzas.

Enquanto fujo, sem nem saber se a criatura me persegue, ouço a voz de Matheus gritar o meu nome, e uma chama de esperança se acende dentro de mim. Adentro em um corredor, seguindo a voz, e vou sendo guiado por desenhos pelas paredes, que parecem mapear esse lugar, se é que posso chamá-lo disso. Um odor pútrido invade minhas narinas, meus olhos lacrimejando, que merda é essa? Comida estragada? Apresso os passos quando percebo que não posso ouvir mais o Matheus, e me deparo com um corredor exatamente idêntico ao fim do corredor da sala onze, exceto pelo número.

O cheiro emana de lá, a porta semiaberta. A criatura está do outro lado do corredor, me perseguindo. Não vejo outra alternativa a não ser entrar na única sala aberta. Fecho a porta com força, as mãos trêmulas e a respiração ofegante. Quando me viro, meu estômago revira com a imagem perante os meus olhos: um corpo humano apodrecido. Apesar de desfigurado pelo tempo, ainda é possível distinguir sua barba, os cabelos um pouco longos, a camiseta branca e os óculos quebrados ao chão, difícil ignorar os detalhes idênticos ao de... Matheus.

Batidas frenéticas na porta.

Matheus está ao lado de fora, chamando por meu nome e pedindo para que eu abra a porta. Que está tudo bem, que não há perigo.

Na lousa, em canetão vermelho e com letras maiúsculas, vejo a frase: “NÃO HÁ SAÍDA”.

Toc. Toc. Toc.

Mais batidas, mais fortes, mais desesperadas. Matheus continua clamando por meu nome, afirmando que a criatura estava vindo, que eu precisava abrir rápido.

Por instinto, abro a porta e a fecho com força assim que o professor entra. Enquanto ele recupera o fôlego, agradecendo por ter-lhe salvado a vida, minha mente se dá conta de um detalhe:

Eu nunca disse meu nome para o professor.

— Eu realmente achei que morreria ali mesmo! Obrigado por abrir a porta, obrigado mesmo.

Meu corpo está paralisado, meus olhos vidrados no corpo apodrecido, largado de escanteio entre as paredes e carteiras. O corpo de Matheus.

— O que foi? — O professor questiona, virando de costas e ficando ali, parado, encarando a mesma cena que eu.

— Q-quem é você? — Ouso perguntar. Meus lábios trêmulos, meus pés se afastando lentamente em direção à porta. — Se o seu corpo tá ali... Então quem é você?!

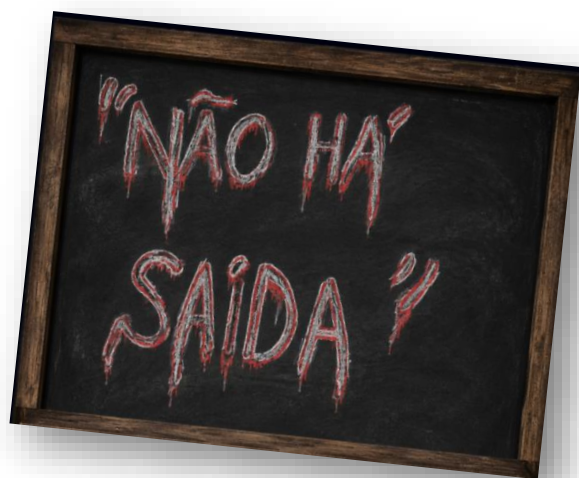
O professor lentamente volta seu olhar penetrante para mim. Os músculos de sua face se contorcem em um sorriso desumano, antinatural.

Aquele se tornou o assunto mais falado do momento. A história passava de aluno para aluno, e cada um dizia uma coisa diferente, mas é fato que não demorou muito para os pais se darem conta do sumiço do filho, muito menos para encontrarem seu corpo, dentro da sala onze.

A sala estava interditada fazia anos, devido a um suposto vazamento (de acordo com a gestão), mas os motivos variam de pessoa para pessoa: um demônio; um portal; o desaparecimento de um professor, que fora visto pela última vez lá, no final do expediente e do dia. Lá dentro, jazia o corpo pálido de um jovem aluno, ancorado na porta repleta de arranhões. “Parada cardiorrespiratória devido a uma crise de ansiedade”, constatou a autópsia. Não se sabe quem o trancou lá, ou suas intenções, as câmeras não funcionavam.

Era como seu pai costumava dizer.

Ninguém o viu, ninguém se importa.







Beatriz de
Avelar 3^o C

@Wuescab

2
0
3
6
17/04

Amor de mãe

Helena Oliveira Dos Santos Bezerra

O sol batia nas janelas do hall no último andar. O barulho alto do sinal invadiu os ouvidos dos alunos. Era a penúltima troca de aula do dia; todos estavam cansados e desesperados para ir embora. Emerson caminhava tranquilo em direção ao banheiro. Alguns meninos que passavam por ele cochicharam entre si; já não era novidade vê-lo por ali. A escola inteira comentava sobre o estranho hábito do garoto de cabelo espetado. Alguns o achavam narcisista: não é possível alguém gostar tanto do próprio reflexo, principalmente Emerson, com suas cicatrizes pelo rosto e pelo corpo. Mesmo com tantos comentários, o menino continuava: a cada intervalo ou troca de aula, ia até seu espelho. Todos os dias.

Enquanto o rapaz admirava seus machucados refletidos, sentiu uma presença atrás de si, aproximando-se lentamente. Era Gil, seu professor, que apareceu ao seu lado pelo reflexo, avaliando-o por inteiro, encarando as suas cicatrizes.

— Eu sei que estou atrasado, Gil, eu já vou pra sala.

O garoto se sentiu desconfortável com aqueles olhares, mas continuava virado para o objeto.

— Não é por isso que vim. Suas marcas geram curiosidade em muita gente, sabia? Eu também sentia, até que finalmente descobri a causa. Parece que você não é um menino tão bonzinho assim, senão sua mãe não te castigaria tanto... ou será que ela simplesmente não gosta de você?

Emerson estava assustado. Seu coração acelerou e suas mãos suaram. Como ele descobriu? Ninguém deveria saber o que acontece em sua casa; regras da mamãe. Ela dizia que fazia aquilo para o bem dele, por isso gostava tanto de olhar suas marcas no espelho: era um lembrete do carinho materno recebido. O garoto começou a se exaltar; seus olhos se enchiam de água.

— Não é um castigo. Ela faz por amor, faz para que eu me torne um bom menino, para que eu a orgulhe no futuro.

— Você acredita mesmo nisso? — Gil ria. — Acorda, moleque, ela não ama você, nunca amou e nunca vai amar.

— Não é verdade! — O garoto gritava; estava em um surto.

— Já pensou se todos descobrissem? E se a escola inteira soubesse que sua própria mãe não gosta de você?

Aquilo era demais. Não queria mais ouvir. O que seu professor queria com aquelas ameaças? Estava tão irritado. É óbvio que sua mãe o amava; ela simplesmente não faria aquilo para machucá-lo, afinal, ela é sua mãe. Gil continuava suas falas, que mais pareciam facadas, mas, para Emerson, era como um zumbido.

Queria que o professor calasse a merda da boca e parasse com aquelas mentiras absurdas.

— JÁ CHEGA!

Com um grito, quebrou seu tão amado espelho com o punho, levando sua mão ensanguentada em direção a um dos cacos de vidro que refletiam sua imagem; ele também estava fragmentado. Com toda sua ira, enfiou aquele pedaço afiado na barriga do homem. Porém, quem sentiu uma dor agonizante no estômago foi ele mesmo. Em um piscar de olhos, Gil desapareceu. Emerson sentia o sangue escorrendo de sua barriga, manchando o chão e suas roupas de algodão. Caiu junto aos estilhaços transparentes, que brilhavam em vermelho vivo, graças ao líquido que se refletia.

O que Emerson não percebeu é que alguém realmente o observava pela porta do banheiro, e agora alguém tinha um vídeo de seu surto psicótico, em que gritava sozinho sobre o amor de sua mãe e, em seguida, cravava um pedaço de vidro friamente em si mesmo. A notícia se espalhou rapidamente. Era difícil disfarçar um suicídio, ainda mais com a polícia e a ambulância em frente à escola, mas principalmente por causa da gravação que os alunos receberam e compartilharam. Emerson quebrou as regras, e agora todos sabiam sobre o amor e o cuidado de sua mãe.





O CHAMADO DOS TAMBORES

Nicolle Maia

O chamado dos tambores

Nicolle Maia Ribeiro Ramiro

Outra aula de educação física. Gael já estava se acostumando com os sentimentos estranhos que percorriam seu corpo quando passava por aquela sala. Toda vez que entrava na quadra ou ia pegar uma bola ali perto, tinha o mesmo pensamento: estava sendo ouvido ou observado por algo... ou alguém. Sempre ouvia a mesma música baixa que começava a ecoar, parecendo vir dos mais diferentes instrumentos. Todas as vezes.

Em outra ocasião, já tinha perguntado aos outros estudantes se também ouviam, mas eles apenas o olhavam como se ele fosse louco, então não queria mais tocar no assunto. Ao menos não diretamente.

— Ei, você sabe o que é aquela sala ao lado da entrada da quadra? — ele perguntou a um aluno mais velho, que automaticamente assentiu, respondendo aos seus questionamentos:

— E quem nessa escola não conhece? Reza a lenda que, há muitos anos, existia um professor de música nessa escola. Ele ensinava coro, a tocar bateria, pandeiro, tambor e violão. Porém, uma coisa era esquisita — ele disse baixando a voz, como se falasse algo proibido — ele nunca parecia sair da escola: era o primeiro a chegar e o último a sair, o que levava todos a se perguntarem diariamente: por que ele nunca saía da escola? Alguns diziam que ele morava no teatro, outros que seu espírito estava preso e ele nunca poderia sair daqui. Enfim, ele faleceu há cinco anos. Os professores dizem que foi por causas naturais, mas os alunos especulam sobre o real motivo de seu falecimento, dizem que a gestão nunca mais contratou um professor de música depois dele, e que sua alma, hoje, está presa naquela sala, esperando o momento certo para assombrar a todos — seu colega explicou, misturando um tom sinistro e cômico. — Mas fala sério, quem acreditaria numa coisa dessas?!

“Eu” – Gael pensou, enquanto se afastava pensativo.

No fim da aula, o aluno não estava mais pensando nisso, porém, já suado e cansado, escutou novamente a música, dessa vez, o som era mais nítido. Pratos e tambores tocando ritmicamente, como um chamado: “Mas por que o espírito de um professor que eu nem conheço me chamaria...?”; ele pensou, tentando ignorar o barulho naquele momento, porém, começou a refletir que o som não passava uma sensação ruim, apenas urgente, como se o que o chamasse estivesse... desesperado, não para machucá-lo, mas para avisá-lo de algo. Assim, quando o professor começou a fechar a quadra, Gael se escondeu em uma das cabines, esperando a quadra ficar silenciosa, saindo de lá apenas quando, finalmente, escutou o som das chaves.

Agora, em frente à porta, ele escutou novamente o som dos tambores, cada vez mais alto, como se aquilo o apressasse. Quando abriu a porta, sentiu um arrepio percorrendo todo o seu corpo, ao olhar em volta, ele viu vários instrumentos e tralhas empilhados.

— Por que eles guardam essas coisas? — ele murmurou, observando o lugar por mais uns minutos antes de se virar para sair. Mas nesse momento, Gael finalmente o viu, a barba mal cuidada, as olheiras tão

profundas que chegam ao tom roxo, a pele pálida e apodrecida, os cabelos emaranhados e sujos, como se não vissem um shampoo há séculos.

Aterrorizado, o rapaz congelou, sem conseguir ao menos mover um dedo. A figura o observou por um segundo antes de ele ouvir a última batida do tambor. O homem pálido avançou contra ele no momento em que o som ecoou em sua mente.

Angústia, tristeza, amargor e ódio: eram essas as coisas que passavam em seu coração quando o toque gélido do homem o alcançou; imagens de gritos, choros silenciosos, portas batendo e risadas. A verdade finalmente veio até ele: o vilão não era o professor, e sim a gestão, submetendo o funcionário a um trabalho análogo à escravidão... Ele não havia morrido de causas naturais, ele morreu de exaustão, fome e desidratação.

Há cinco anos, o professor de música estava cansado, desgastado, na verdade, à beira de um colapso. Uma sucessão de imagens em flash surgiu:

O diretor gritando que ele não tinha de ter pressa nenhuma para ir embora, já que não havia ninguém em casa o esperando.

O vice-diretor entregando uma pasta cheia de documentos dizendo para o professor “Eu estou ocupado, faça isso para mim. Agora!”.

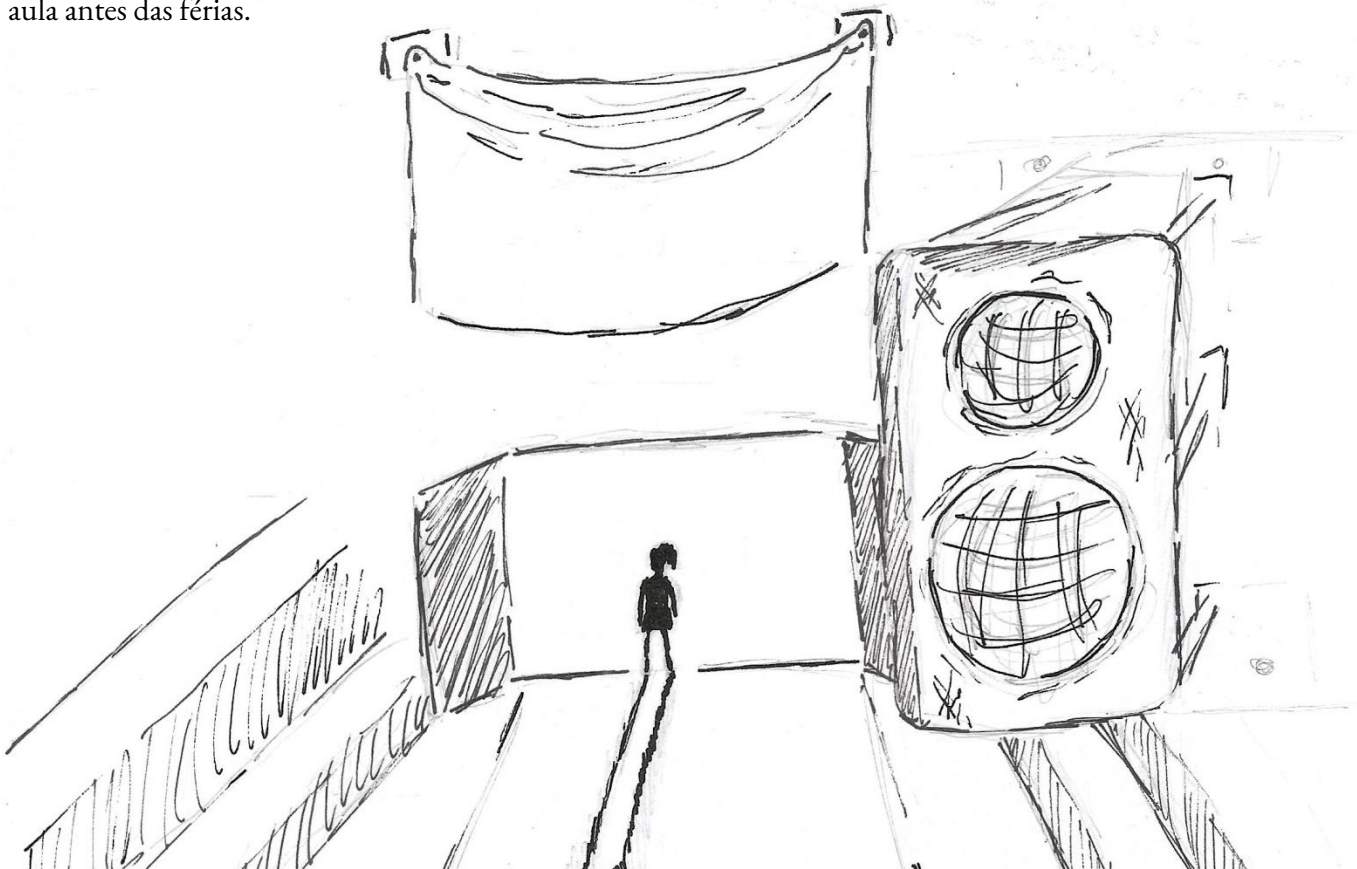
“Quero você aqui amanhã às 6 horas da manhã, se vira!”

“Se você come em 10 minutos, não precisa de 1 hora de almoço, a supervisora está cobrando os relatórios, vai logo!”

Gael viu o professor olhando-se no espelho do banheiro, uma imagem triste, desolada, exausta.

E finalmente, um último flash, mostrando o homem indo guardar os instrumentos no fim do dia, exausto. Ele resolveu se sentar um instante, de tão cansado, dormiu. Quando acordou, não conseguiu mais sair: a porta parecia travada e, não importa o quanto gritasse, ninguém poderia ouvi-lo, a escola estaria vazia pelos próximos dois meses.

Quando Gael finalmente recobrou a consciência, o professor havia desaparecido. Estava sozinho naquela sala. Tentou destrancar a porta para sair correndo dali, mas ela estava trancada. Era o último dia de aula antes das férias.





QUANDO AS
LUZES
PISCAM

Leonardo Caetano

Quando as luzes piscam

Leonardo Caetano da Silva

Numa manhã chuvosa de terça-feira, eu acordei para ir à escola, como todos os dias, mas no caminho tive um pressentimento ruim. Não tinha jeito: com ou sem aquela sensação horrível, eu precisava ir para a aula. Chegando à escola, fui cumprimentar meus amigos como de costume e subi para a sala.

Nas primeiras horas, tudo ocorreu normalmente. Porém, na hora do almoço, veio a sensação de estar sendo observado; depois disso, tudo foi ladeira abaixo, tudo começou a dar errado. A energia foi ficando cada vez mais pesada, até que alguns alunos começaram a passar muito mal (uns até desmaiaram). Mas a escola é assim: o show tem que continuar; fomos encaminhados para as próximas aulas.

Na aula depois do almoço, as coisas começaram a ficar mais tensas, as luzes começaram a piscar muito. Do lado de fora da escola, uma ventania forte, parecida com as de furacão dos filmes, se iniciou, o que gerou um caos em toda parte: portas começaram a bater e os laboratórios foram destruídos por causa da ventania.

Quando tudo isso começou, eu já sabia que iria acontecer algo muito ruim.

“Droga, eu deveria ter voltado para casa quando tive chance!” – pensei inconformado.

Quando eu ouvi a voz no alto-falante – que deveria nos acalmar – notei que não conhecia aquela voz, não se parecia com a da diretora ou com a de outra pessoa da gestão; parecia... mais grossa, arrastada, como se alguém estivesse se esforçando em uma imitação ruim de outra pessoa. A instrução era clara: todos deveriam ir para a quadra interna; ok, começou a correria, todos os 600 alunos, mais os funcionários, correndo para a quadra simultaneamente, um caos.

A chuva lá fora só piorava. O barulho do vento batendo nas janelas parecia um grito. Quando chegamos à quadra, os professores tentavam acalmar os alunos, mas dava para ver no rosto deles que também estavam desesperados.

O estranho era que a quadra parecia... abafada. Não fazia sentido. Lá fora estava um frio absurdo por causa da chuva, mas ali dentro o ar estava quente, pesado.

Difícil até de respirar.

Aos poucos, porém, a confusão foi se dissipando, todos começaram a ficar em silêncio; não porque mandaram, mas porque alguma coisa estava fazendo todo mundo calar a boca.

Eu olhei em volta e vi um garoto sentado sozinho na arquibancada mais alta, ele usava o uniforme antigo da escola – daquele tipo que eu só via nas fotos velhas na sala de leitura –, ele estava de cabeça baixa e completamente molhado. Na hora, achei que era algum aluno assustado, mas havia algo de errado nele. Muito errado, mas ninguém parecia percebê-lo além de mim.

Cutuquei meu amigo e falei:

— Tá vendo aquele moleque ali?

Ele olhou... e ficou pálido na mesma hora.

— Mano... aquele uniforme... não é o antigo?
Antes que eu pudesse responder, as luzes se apagaram.
Tudo ficou escuro.

Na quadra inteira começaram os gritos. Celulares ligando as lanternas, professores tentando organizar os alunos... E, no meio da confusão, eu ouvi uma voz perto do meu ouvido:

— Eles me deixaram morrer aqui.

Eu gelei.

Virei rápido, mas não tinha ninguém.

As luzes voltaram piscando fraco... e o garoto da arquibancada tinha sumido.

Foi aí que a diretora entrou correndo na quadra, desesperada, junto com alguns funcionários. Ela estava aos prantos. Fiquei chocado. Nunca imaginei ver a diretora — sempre tão séria — daquele jeito.

Ela tentou falar no microfone, mas o som falhava. Até que alguém da coordenação gritou com uma voz que tentava ser firme, mas fraquejava:

— TODO MUNDO PRA LONGE DAS ARQUIBANCADAS!

Na mesma hora, um estrondo ecoou pela quadra.

A estrutura de metal acima das arquibancadas começou a entortar sozinha, como se alguma coisa gigantesca estivesse forçando-a de cima para baixo. Os alunos correram em pânico.

Eu sei que deveria correr junto, o teto estava ensaiando a sua queda sobre nós, mas algo me impedia: eu o vi de novo.

No meio da quadra.

Parado.

Encarando todo mundo.

O rosto do menino estava machucado, os olhos completamente pretos, e a roupa parecia queimada. A água da chuva escorria dele, mesmo que não houvesse chuva do lado de dentro. Nesse momento, percebi que eu não era o único que olhava para ele, a bizarrice da cena chamou a atenção de mais gente.

Foi aí que um professor começou a rezar baixinho.

Outra menina começou a passar mal e desmaiou na minha frente, mas eu estava paralisado.

Nesse momento, o garoto sorriu.

Um sorriso torto... impossível.

Ele começou a andar devagar no meio da multidão, enquanto as luzes piscavam, parecendo alheio a todo o cenário catastrófico. As luzes piscavam loucamente e, a cada lampejo, ele aparecia mais perto.

Em meio aos gritos de desespero de todos, uma voz se destacou:

— É o Lucas... — um grito hesitante e trêmulo.

Naquele momento, a diretora começou a chorar mais ainda, eu a ouvi falando:

— Isso não pode estar acontecendo... depois de tantos anos...

De repente, tudo fez sentido na minha cabeça; todos já tinham ouvido falar do Lucas, o ex-aluno desaparecido. Não conseguia me lembrar em que ano aquilo tinha acontecido, mas a história era conhecida por todos: um caso típico de bullying sofrido por um estudante. Os relatos — que misturavam fatos e

imaginação — diziam que ele sofria todo tipo de crueldade, sob o pretexto de “brincadeira”. Até que um dia ele desapareceu.

O caso nunca foi resolvido.

Mas naquela noite... ele voltou.

E queria vingança. O problema é que parecia que ele não sabia exatamente contra quem.

As portas da quadra começaram a bater violentamente. As tabelas tremiam. O vento rodava como um furacão preso ali.

A energia acabou de vez.

E aí veio o pior momento da minha vida.

No escuro absoluto... começaram os gritos. Gritos tão desesperados que pareciam de gente sendo atacada.

Eu só ouvia pessoas correndo, chorando, tropeçando. Até que senti alguém segurando meu braço com força, achei que era meu amigo, mas aquela mão estava gelada demais.

Uma voz sussurrou no meu ouvido:

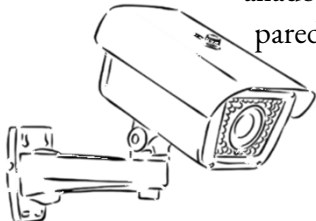
— Você teria me ajudado?

As luzes voltaram por menos de um segundo, pude ver que o rosto dele estava literalmente na minha frente, assustadoramente próximo.

Depois disso, eu não me lembro direito do que aconteceu, só de acordar do lado de fora da escola com ambulâncias, polícia e vários pais desesperados.

A escola ficou interditada por semanas. Disseram que foi um acidente causado pela tempestade, aliado a surto coletivo. Mas ninguém explica as marcas de mãos queimadas encontradas nas paredes da quadra.

Nem o fato de que, nas câmeras de segurança, aparece um aluno usando o uniforme antigo andando pelos corredores...



...mesmo a escola estando vazia.





EXPERIMENTOS

Julia Leone, Gabriel Oliveira,
Gabriel Marcelino, Nicolas Reis,
Nycolas Ribeiro, Julio César
Gorgati, Julia Angélica Ruan
Carlos, Maria Eduarda Lima, Lucas
Hideki, Rafael do Carmo, Rian
Henrique, Kauan Rodrigo

Experimentos

Julia Leone, Gabriel Oliveira, Gabriel Marcelino, Nicolas Reis, Nycolas Ribeiro, Julio César Gorgati, Julia Angélica, Ruan Carlos, Maria Eduarda Lima da Silva, Lucas Hideki, Rafael do Carmo, Rian Henrique, Kauan Rodrigo

Certo dia, adentrei o inferno que insistia em chamar de escola. Lá, encontrei-me mais uma vez trabalhando; eu realmente não sabia se estava tão desesperado por dinheiro ou apenas vivendo no automático. Deixando isso de lado, não pude deixar de notar os alunos inquietos; pelo que eu entendia, o motivo dessa inquietação eram boatos de um quadro assombrado que magicamente havia partido da secretaria para a sala de Desenvolvimento de Sistemas, a tão conhecida Sala de DS, mas eu sabia que havia sido a tia da limpeza que o havia colocado lá. Quem seria o bobo que acreditaria nisso? De qualquer forma, eu deveria focar no que eu tinha a fazer.

Após um tempo, o intervalo chegou. Comentei com os professores sobre a besteira dos alunos, mas, estranhamente, eles ficaram sérios com a informação e pediram para eu não comentar sobre isso novamente. Um deles chegou a olhar para a porta da sala dos professores antes de responder, como se tivesse receio de que alguém estivesse ouvindo a conversa. Achei estranha essa reação, até porque éramos adultos e não deveríamos acreditar em histórias bestas de adolescentes.

De qualquer forma, resolvi esquecer essa situação, assim como eu sempre afastava os problemas da minha cabeça.

O intervalo passou, mas a vontade que eu tinha era de não estar ali. Dei aula para mais uma sala mal-educada, mas, dessa vez, um dos meus alunos quase se acidentou com um dos meus experimentos. Eu o adverti e mandei sair da sala. Eu realmente não gostava do que fazia. Dando sequência ao ocorrido, minha mente ficou perturbada e, finalmente, o dia chegou ao fim, mas, devido à minha perturbação, acabei tendo uma dor de cabeça severa, o que atrasou as minhas obrigações. Chegando à sala dos professores para me preparar para ir embora, senti-me angustiado, mas fingi que não era comigo, ignorei o que estava sentindo e fui para casa descansar, pois o dia seguinte seria longo.

O dia amanheceu bem frio. Minha vontade era nem ir trabalhar, porém tinha coisas para finalizar antes de as férias chegarem. Levantei da minha cama, me arrumei e saí para ir a uma padaria antes de ir para a escola. Eu estava com um pressentimento de que iria acontecer algo, mas não sabia explicar exatamente o que era. Chegando à escola, fui direto à sala dos professores e peguei algumas coisas que tinha que levar para a sala naquele dia. Quando estava subindo a escada, dei de cara com



um dos meninos que mais me detestava. Eu falei bom dia, como sempre fazia; afinal, era o adulto da situação.

Minhas aulas começaram bem perturbadas, mas tive paciência. Quando chegou minha quinta aula, era a sala do menino que não gostava de mim. Eles entraram, se sentaram e eu comecei a falar o que iríamos fazer naquele dia, já indo direto fazer a chamada. Em cima de uma das bancadas havia um experimento. Eu pensei que ninguém iria mexer, entretanto o tal menino foi direto ao meu experimento e colocou álcool nele. Antes que eu pudesse impedir, vi, impotente, uma certa explosão, só que o único que sofreu sequelas foi o próprio menino. Ele caiu no chão e ficou desacordado até chegar ao hospital.



No hospital, conseguiram reanimá-lo, mas infelizmente foi por pouco tempo. Naquele dia, mais tarde, ele faleceu. A escola foi comunicada rapidamente, e eu entrei no meu pior momento. Comecei a surtar e tive de ir para o hospital às pressas também.

Quando cheguei, fui atendido muito rápido, me medicaram e me deram um atestado. Se havia algo minimamente positivo naquela situação, era o fato de eu ter recebido um atestado uma semana antes das férias.

No dia seguinte seria o enterro dele; eu queria ir, levar flores e dar meus sentimentos à família, mas nem isso eu consegui. Mesmo medicado, eu me sentia a pior pessoa possível. Eu achava que a culpa era minha; afinal, eu estava errado. Durante as noites, eu a via sempre: a alma dele estava perturbada, querendo vingança, e cada vez que a via, eu entrava em crise, sendo difícil conseguir sair daquela maldita situação. Algumas noites eu acordava suando depois de sonhar com a explosão. Em outras, sonhava com o quadro da sala de DS. No sonho, o rosto pintado desaparecia e, em seu lugar, surgia o rosto queimado do menino.

Chegou o final das férias e do meu atestado médico também. Eu teria que voltar, mas me sentia errado ao pisar lá novamente e, ainda mais, ao dar aula para os alunos. Não tinha jeito. No dia seguinte eu acordei bem cedo, porque perdi meu sono com um sonho totalmente estranho, mas tentei esquecer para conseguir dar aula naquele dia, então me arrumei e fui direto para a escola.

Chegando lá, os alunos me olhavam com cara de medo, e eu me senti mal por isso, mas relevei e fui em direção à sala dos professores. Lá, eu deixei minha mochila e peguei algumas atividades que estavam no meu armário. Depois disso, peguei a chave da minha sala e fui me organizar. Ao passar pela sala de DS, não consegui evitar olhar para o quadro. Por um instante, tive a impressão de que os olhos da pintura estavam voltados para mim. Continuei andando sem olhar para trás. A única coisa que eu queria — e estava torcendo para acontecer — era que o dia passasse rápido para eu poder ir embora.

Naquele dia eu teria que dar sete aulas, três para os segundos anos que fazem técnico, três para os primeiros anos e uma para o terceiro ano. O dia realmente passou rápido. Já eram 15h50 e faltava bem pouco para acabar minha penúltima aula. A última seria com o técnico que faz Desenvolvimento de Sistemas, era uma sala "tranquila" para dar aula, então, quando eles entraram,

todos se arrumaram e pegaram seus cadernos. Eu fiz a chamada e dei a matéria; essa foi a aula que passou mais rápido. Finalizada aquela última aula, eu encostei a porta e fui colocar algumas coisas em ordem que haviam se acumulado desde o momento em que peguei o atestado. Passaram-se uns 15 minutos, quando comecei a escutar incomuns pelo corredor. Estranhei, mas voltei a fazer meu trabalho. Pouco depois, ouvi algo cair na sala de DS. Quando fui verificar, encontrei o quadro no chão. Eu tinha certeza de que ele estava pendurado quando saí da sala pela última vez.

Minutos depois, eu escutei alguém me chamando, então me levantei da mesa e fui até a porta. Não tinha ninguém, mas eu continuei escutando alguém me chamar, então resolvi seguir as vozes e acabei indo parar na sala 11, conhecida como sala de Biologia.

No momento em que entrei lá, notei que estava tudo apagado. A única coisa visível era um quadro encostado na parede do fundo. O mesmo quadro da sala de DS. Depois disso, não lembro de mais nada.

Entretanto, quando acordei, eu estava sangrando demais e, quando consegui abrir os olhos direito, percebi que estavam faltando dois dedos meus. Obviamente fiquei desesperado, mas, por incrível que pareça, apaguei e adormeci novamente; parecia que quem estava fazendo isso comigo não queria que eu soubesse quem era. Mas, sempre que eu apagava por alguns segundos, voltava a ver o rosto do menino no hospital. Não o rosto de antes da explosão. O rosto queimado. O rosto que eu tentava esquecer.

Quando despertei, ainda atordoado, entrei em desespero novamente, porque estava sendo arrastado e arremessado pelas paredes do segundo andar. Eu estava ficando sem forças para agir, então apenas deixei acontecer. “Talvez seja aqui que meu ciclo nessa escola se encerra”, pensei, atordoado. Quando cheguei ao terceiro andar, me vi sem partes do corpo. As paredes estavam cobertas de sangue e fui arrastado até a sala de DS. Foi lá que meu fim chegou. Meu corpo foi rebatido e arrastado até ali, e meus órgãos não aguentaram. O que restou do meu corpo explodiu e pedaços dele foram parar por toda a sala de DS. Antes de perder a consciência, vi o quadro pendurado na parede. Pela primeira vez, o rosto pintado havia desaparecido completamente. No lugar dele estava o meu.

O que aconteceu depois eu só conheço porque permaneci ali. Não exatamente vivo. Não exatamente morto.

No dia seguinte, a direção da escola e os alunos se chocaram com aquela cena perturbadora. A diretora correu em direção à sala dela e abriu as câmeras para ver o que tinha acontecido no dia anterior, desde o momento em que todos os alunos foram embora. O que ela viu foram cenas que a abalaram e que povoariam seus sonhos por toda a vida.

Mas a pergunta que não queria calar era: quem estava fazendo aquilo tudo? Por que a única coisa que aparecia era o meu corpo despedaçado sendo jogado de um lado para o outro? Nesse momento, ela ligou para a polícia. Quando os investigadores chegaram à escola, sentiram um clima muito denso e perceberam que se tratava de uma morte extremamente incomum...

Não houve enterro, afinal não havia sobrado nada de mim, mas houve uma grande homenagem por parte da gestão: um quadro com a minha fotografia foi pendurado na sala de DS. Curiosamente, exatamente no mesmo lugar onde antes ficava o quadro que os alunos diziam ser assombrado.

Principalmente porque, às vezes, alguns juravam ver dois rostos diferentes surgindo na fotografia quando passavam por ela.





An open wooden door is set into a wall of cracked, aged plaster. The door is made of dark wood with a traditional panel design and a metal handle. The interior of the door is visible, showing a dark, empty space. A white, slightly crumpled piece of paper is taped to the inside of the door. The paper has the words 'NO VAZIO' written in a bold, black, hand-drawn font, and below it, in a smaller, simpler font, is the name 'Nox Neves'. The floor is made of dark wooden planks.

NO VAZIO

Nox Neves

No Vazio

Nox Neves

Ando com passos acelerados na pressa de chegar logo à escola. Maldita insônia que me fez jogar durante toda a madrugada! Já consigo me imaginar lutando contra o sono em todas as aulas como consequência de uma hora dormida.

Conforme ando pela rua sem saída, me preocupo cada vez mais; nenhuma alma viva caminhando rumo ao portão de entrada, isso me faz acreditar que todos já estavam lá dentro se acomodando em suas cadeiras, enquanto eu terei que interromper a explicação da professora e caminhar naquele silêncio constrangedor de ser a única pessoa a chegar em horário inoportuno.

Torço fortemente para que a tia Eliane me veja chegando e segure o portão até a minha entrada. Agradeço ao ver que minhas preces foram atendidas, o portão está completamente aberto, então conseguirei entrar tranquilamente. Quando o faço, estranho a ausência da inspetora; a dona Eliane jamais havia deixado o portão aberto sem supervisão; porém, apesar do caso incomum, continuo meu caminho com pressa para minha sala.

“Céus” penso ao visualizar o pátio sem ninguém, “Não é possível que eu vá chegar com mais atraso do que os engraçadinhos que ficam enrolando para ir para a sala”, sigo meu trajeto agora um pouco mais tranquilo, por ao menos já estar dentro da escola. Subo até o *hall* do primeiro andar e, apesar do atraso, não deixo de lado minha mania de observar por onde passo. Brevemente examino a sala 1 e a sala de reuniões, intrigante, ambos os cômodos estão vazios. Geralmente as salas nas quais não estão ocorrendo aula ficam fechadas, pelo visto hoje a sala 1 é uma exceção. Quanto à sala de reuniões, é diferente ver a porta aberta quase tanto quanto não ver nenhum professor ali, o normal é sempre haver ao menos um dos professores sentado em sua respectiva mesa digitando frenético no computador ou rodeado de atividades para corrigir; curioso o cômodo não estar nessas condições. Dirijo meu olhar para a sala 2 e a avisto no mesmo estado, completamente vaga, somente então me atento aos meus ouvidos, em um ano e meio neste colégio eu nunca havia presenciado tamanha quietude, isso me causou certa estranheza, uma escola tão cheia e movimentada em completo silêncio é, no mínimo, diferente. De toda forma, eu continuo atrasado e devo seguir o caminho para minha sala.

No segundo andar vejo a sala 3 aberta, assim como os outros cômodos abaixo, vazia, de uma forma estranha acho que nem em meus momentos de mente confusa, à procura de um guia, desejei tanto ver o professor Daniel sentado naquela mesa como neste momento; até mesmo a presença do

professor conhecido como Lúcifer viria a calhar para quebrar a situação incomum desse edifício de um único habitante.

Meu objetivo é a sala 6, bem no meio do corredor. Sigo. Sem entender o porquê, uma vontade rara de possuir uma companhia surgia dentro de mim, independente do jeito que fosse. “Deus, nunca quis tanto ser encarado com cansaço pela professora Aline Lebre por interromper sua aula”, eu pensava enquanto saía da porta da sala três.

A cada passo, o som dos meus tênis desgastados parecia ecoar mais alto por aquele corredor, que agora se mostrava mais amplo e extenso do que jamais foi. Salas 2 e 5 estão com as portas igualmente escancaradas, eu tenho a impressão de que meus olhos sentem falta de visualizar o professor Vicente sentado em sua mesa posicionada de frente para a porta e a professora Rosângela repassando seus mapas mentais na lousa. “Onde estão vocês?” podia sentir minha cabeça latejando em dúvida, acompanhando o ritmo gradativamente acelerado do meu coração batendo contra o peito.

Finalmente chego em frente à sala 6, um fio de esperança se prendeu a mim quando com orgulho encarei aquela porta encostada, enfim uma chance de encontrar alguém. Aproximo meu ouvido da porta, desejando que vozes alimentem a esperança do meu desejo de não estar sozinho. Acho que gostaria que meu cérebro tivesse me enganado me fazendo ouvir algo, mas o vento que bateu em silêncio foi mais ensurdecedor do que qualquer sala cheia de adolescentes inquietos poderia ser. Com a respiração tensa, empurro devagar aquela porta, que cenário agonizante! Eu não posso entender, tudo tão familiar, mas extremamente diferente ao mesmo tempo; as carteiras posicionadas exatamente da forma que a professora Lebre gosta, a mesa dela igualmente organizada e limpa, cortinas e janelas abertas deixando entrar a brisa, que antes soava leve e fresca, mas agora me fez arrepiar com seu ar gelado, trazendo a sensação de como se eu estivesse ao relento sob uma noite de sereno. A pergunta que matutava em minha mente agora se expandiu: “Onde estão todos?”, não é possível, deve haver algum engano.

Insatisfeito com a confusão sem explicação, pego meu celular e verifico a data, 23 de julho de 2014, quarta-feira, um dia normal, um dia de aula comum, ou será que não? Me recordo do calendário de avisos no corredor da secretaria, novamente meu passo está acelerado, mas dessa vez não por pressa, agora meu corpo se adiantava em busca de sentido, de respostas, de uma justificativa e, mais do que tudo, de uma companhia. Encaro aquele grande calendário que já me estressara diversas vezes com lembretes de provas e também já me aliviara com avisos de aulas canceladas devido a reuniões e feriados, mas meus olhos não caçavam nada disso agora, procurei diretamente por aquela data: quarta coluna, quarta linha, 23 de julho. Nada. Nada anotado, nenhuma reunião, nenhum evento, nenhum passeio, apenas mais um dia comum de aula, mas isso não era comum, a rua, o portão, o pátio, as salas, apenas eu e mais ninguém.

Caminhei até a secretaria na esperança de esbarrar com alguém da coordenação que me questionaria com certa autoridade o porquê de eu não estar na sala, mas minhas esperanças esfriaram drasticamente ao me deslocar até o teatro no fundo do corredor e continuar com a mesma paisagem

por todos os lugares que meus olhos passaram – nem uma alma viva sequer. “Será algum tipo de evento? Eles estão todos reunidos em algum lugar da escola?”, minha mente não pôde evitar caçar quaisquer explicações para aquela ausência coletiva e a agonia que se expandia dentro de mim não ia contra essa fuga.

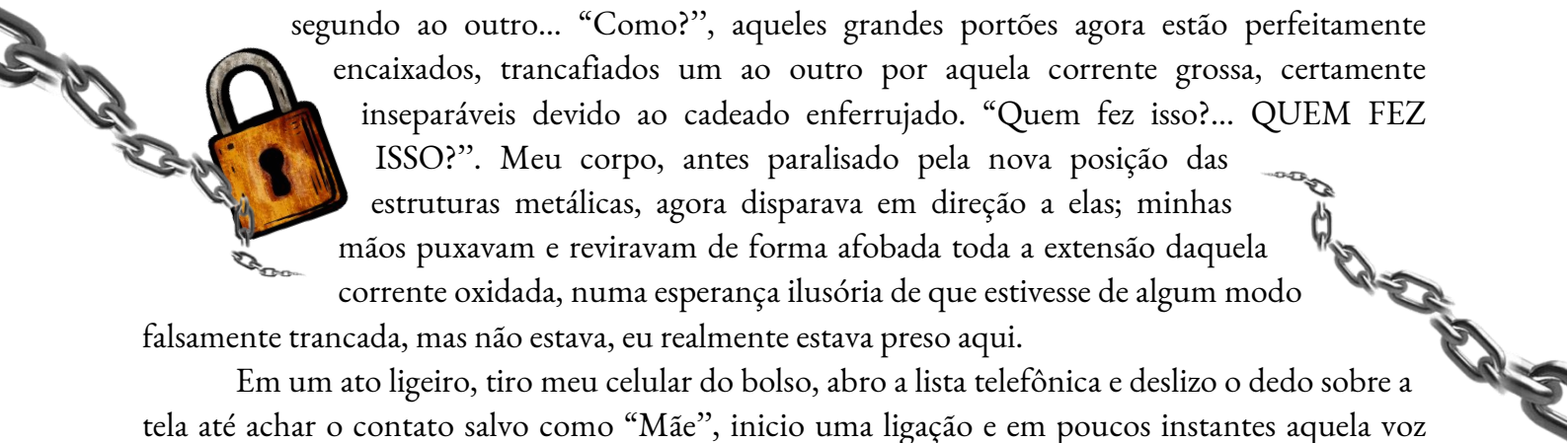
Não me conformei, corri para as escadas, pulei degraus rapidamente em um disparo para o terceiro e último andar. Enquanto eu caminhava impaciente pelo corredor, via as salas, antes todas diferentes, cada uma com suas características e decoração própria, agora parecendo um espelho umas das outras, o cenário era o mesmo por onde meus olhos batiam: cadeiras vazias, cortinas abertas, mesas limpas, armários fechados, ambientes gelados preenchidos de um espaço agonizantemente sufocante.

“O que está acontecendo? O que é tudo isso? Onde está todo mundo? Por que só eu estou aqui?”, nada fazia sentido. Minha mente tentava desesperadamente preencher cada carteira vazia com uma explicação, minhas mãos trêmulas se umedeciam pelo meu nervosismo, meu peito subia e descia mais rápido do que eu podia raciocinar, a respiração apertada combinava com a sensação de que agora meu pulmão se tornara pequeno e o desespero me proporcionou uma dor de cabeça latejante que me fez despertar: “Eu preciso sair daqui”, mesmo que eu não entendesse o porquê dessa sensação de necessidade para fugir, eu só sabia que precisava. Nenhuma desculpa inventada pelo meu cérebro era capaz de justificar qualquer coisa ali, e já não havia mais espaço para possíveis explicações. Agora, a cada segundo surgia uma nova dúvida: “Quem abriu os portões? Quem acendeu as luzes? Quem destrancou todas as salas? Por que não há ninguém aqui? Por que hoje é diferente? O que está acontecendo? Quando todos sumiram? Para onde todos foram?”. Dúvidas e mais dúvidas rodeavam minha cabeça, mas algo gritava muito mais alto do que qualquer pensamento: “Eu preciso fugir”.

Já vi demais, não tenho mais nada para presenciar aqui. Eu ignorava as perguntas que faziam minha cabeça pesar enquanto empurrava o piso gelado com meus calçados velhos, a adrenalina não me permitiu sentir os impactos que meus joelhos sofriam conforme eu saltava por cima dos muitos degraus daquelas escadas infinitas. Repassando pelos andares a agonia da solidão que me sufocava mais a cada passo, meu pescoço se enrijecia e meus olhos se semicerravam a fim de evitar olhar novamente para aqueles cômodos desabitados.

A estranheza agora se transformara em um desconforto inquietante que me trazia mais determinação para sair dessa estrutura o mais rápido possível.

Enfim novamente no pátio, quanta hipocrisia! Há alguns minutos eu estava me apressando para estar presente aqui o quanto antes, e agora eu menosprezo a dor nas minhas pernas para continuar correndo com o objetivo de livrar o meu ser deste ambiente imediatamente. Viro a curva daquele chão de pedra com um alívio que me foi completamente esmagado de um milésimo de



segundo ao outro... “Como?”, aqueles grandes portões agora estão perfeitamente encaixados, trancafiados um ao outro por aquela corrente grossa, certamente inseparáveis devido ao cadeado enferrujado. “Quem fez isso?... QUEM FEZ ISSO?”. Meu corpo, antes paralisado pela nova posição das estruturas metálicas, agora disparava em direção a elas; minhas mãos puxavam e reviravam de forma afobada toda a extensão daquela corrente oxidada, numa esperança ilusória de que estivesse de algum modo falsamente trancada, mas não estava, eu realmente estava preso aqui.

Em um ato ligeiro, tiro meu celular do bolso, abro a lista telefônica e deslizo o dedo sobre a tela até achar o contato salvo como “Mãe”, inicio uma ligação e em poucos instantes aquela voz computadorizada fala comigo: “O número que você ligou não recebe chamadas ou não existe”, o bip em seguida fez um arrepio percorrer meu corpo da cabeça aos pés, como podia não existir? Esse é o telefone da minha mãe, eu sei disso, tenho certeza! Ao invés de ligar novamente para o contato já salvo, decido digitar número por número daquela sequência perfeitamente decorada já há alguns anos por segurança – se tem um momento que eu preciso, é agora –, afinal, talvez fosse algum erro do contato. O recado gravado se repete e minha insatisfação aumenta, talvez fosse um problema do próprio celular, mas então o que eu posso fazer? Uma ideia socorrista vem à mente: o telefone da secretaria, talvez funcionasse se eu ligasse por ele. Corri apressado por aquela rampa de pedra que levava diretamente do portão de entrada ao local desejado, passei pela porta da sala de recepção avoado e segurando aquele aparelho telefônico ultrapassado digito novamente a sequência... a frustração me tomou por inteiro quando ouvi apenas o tu... tu... tu... de área fora de cobertura. Como era possível? O sinal da escola nunca foi dos melhores, mas a ponto de não ser viável fazer uma simples ligação? Logo hoje? “Que maravilha, não tenho acesso a nada, não tenho acesso a ninguém e estou preso neste lugar deserto”.

Senti meu coração apertar, não tinha como eu sair dali, não tinha como pedir ajuda e a cada instante um desconforto agonizante crescia dentro de mim, o que eu devo fazer agora? Não tenho mais a “que” ou sequer “a quem” recorrer, todos sumiram sem deixar nenhum rastro... ou... ou será que não?! “As câmeras de segurança capturam cada canto da escola, talvez eu possa ver quem trancou os portões ou se há mais alguém aqui comigo” conforme as palavras saem da minha boca, um fio de esperança se renova dentro de mim, vou animado até o fundo da secretaria, de onde a vice-diretora costumava assistir de sua grande televisão cada sala e andar através das inúmeras câmeras espalhadas pela escola. É o primeiro aparelho que encontro desligado na escola desde que entrei, o que só torna a situação ainda mais estranha, pois essa televisão nunca está desligada. É esquisito estar em um ambiente completamente igual, mas com detalhes desconfortavelmente diferentes. Foco no objetivo, por sorte o controle está em cima da mesa, ligo a televisão e sou bombardeado com muitas divisões em uma única tela, cada quadradinho mostrando uma sala e muitos ângulos dos mesmos corredores. Lentamente meus olhos percorrem cada filmagem em tempo real na tela, uma por uma,

analisando cada movimento tentando capturar alguma presença, mas não havia nada em lugar algum.

Depois de breves instantes me confundindo com os botões do controle, consigo acessar as imagens já gravadas, a filmagem mais antiga estava datada com 23 de julho de 2014, isso é.. hoje? Às 8h07, poucos minutos antes de eu chegar à escola... isso é definitivamente estranho, instalaram as câmeras desde o início do ano, as imagens não se apagam sozinhas, como podia só haver gravações desde hoje de manhã e nenhum registro mais? Torço muito para que seja apenas um erro do sistema e deixo a filmagem correr: todas as câmeras mantinham o mesmo cenário de agora, ninguém nos corredores, ninguém vigiando o portão, nenhuma inspetora no pátio. A única presença e movimentação foi eu chegando cerca de cinco minutos depois. Me assisto correndo pelo pátio e subindo as escadas ansioso para chegar à aula, presencio de novo a estranheza de passar de sala em sala sendo agraciado pela solidão incômoda, observo receoso cada passo que dei, dividindo a atenção entre as demais telas para não perder nenhuma possível movimentação em outros lugares da escola.

Em poucos minutos estou me encarando correndo do terceiro andar ao portão de entrada, até que uma das câmeras chama a minha atenção, a gravação que mostrava com clareza o portão de entrada aberto e sem vigilância agora era somente uma imagem distorcida. A tela começou a falhar com chuviscos de pixels cinzas, até que a filmagem ficasse completamente preta, um som de interferência baixo saiu da televisão, olhei atônito para a tela, era justamente a imagem que eu precisava para saber quem havia trancado os portões e finalmente descobrir se ainda tinha esperança de ter alguma companhia. Pedi a Deus em voz alta que a câmera voltasse a funcionar, ele me ouviu, mas naquele instante pareceu que Deus estava brincando comigo, a filmagem novamente nítida agora mostrava os portões já trancafiados, notei minha presença ao canto da tela chegando e paralisando ao ver aquela cena, me assisti encarando os portões do mesmo modo como eu encarava essa televisão agora.

Como isso tudo é possível? Nenhuma outra câmera capturou ninguém sequer indo em direção à entrada da escola, nem mesmo do lado de fora, nem parece mais que estou no meu colégio. Essa falha me bateu fundo, era a minha última esperança, não há ninguém aqui e não há como fugir, os muros de toda a escola são cobertos de cercas elétricas para evitar que invadam, eu querendo fugir também sou colocado em risco pelos arames energizados, eu não tenho escapatória... Um desespero diferente socou meu peito, algo misturado com uma aceitação forçada, uma desistência que ia contra as minhas vontades. O desconforto era inexplicavelmente incômodo, se misturava com a ansiedade que foi crescendo a cada passo; antes me agitou, mas agora parecia deixar meu corpo rígido, mas leve ao mesmo tempo, leve por eu não o estar sentindo muito bem.

Meus passos mudaram para um ritmo calmo, agora eu passeio pela escola com uma tranquilidade imposta sobre mim, essa que parecia tentar cobrir a aflição que descera seca pela minha garganta e parecia se revirar inquieta dentro de mim. Reanaliso cada sala uma terceira vez, examino carteira a carteira, lousa a lousa, cortina a cortina. A solidão não era a única coisa que deixava aqueles corredores gélidos, a corrente fria do lado de fora invadia o edifício pelas janelas e me atravessava com

força. Conforme eu desfrutava do meu encarceramento, minha mente parecia se agoniar mais com a situação, o desejo incomum de companhia que eu sentia antes parecia ter-se ido, mas não pela aceitação de estar só.

Conforme ando, prendo a respiração pensando ter ouvido alguém por perto, olho para trás e para os lados ouvindo passos leves. Volto em salas que acabei de deixar por ter a impressão de ter escutado algo poucos instantes depois de eu sair, mas eu sei que estou sozinho aqui, tenho a absoluta certeza com todas as provas que, sem querer, esfreguei na minha cara. Essas ilusões me seriam satisfatórias há alguns minutos, mas agora me trazem medo, como posso não estar sozinho? Não há ninguém neste lugar comigo! O que está junto de mim? “Não, não, eu devo estar alucinando, devo estar ouvindo coisas, é tudo da minha cabeça, eu estou sozinho aqui”, tento me convencer e parto para o andar de cima depois de já ter caminhado por todo o corredor, sala após sala.

Seguindo pelo corredor, a enxaqueca me lembrou da sua existência, fazendo minha cabeça latejar forte. Parei meus pés e de forma automática coloquei a mão sobre meu cabelo, como se quisesse acalmar a dor interna; no entanto, o movimento rápido pareceu demais para mim, senti uma tontura forte me cercar e meus membros se tornarem mais pesados enquanto uma corrente fria, estranhamente mais forte do que as outras, chegou me cobrindo como uma pancada. De um segundo ao outro, as luzes daquelas lâmpadas compridas se tornaram fortes demais para mim, meus olhos arderam com o fulgor do ambiente e, em instinto, eu os apertei com força. Droga, minha tontura, o que está havendo comigo? Me abaixei lentamente, me assentando ao chão, ainda segurando a cabeça pesada, me encolho tentando me esconder dos fortes feixes de luz.

De um segundo ao outro, os sussurros leves que eu pensava serem loucura minha voltaram, agora estrondosos, cochichos gritantes pareciam estar vindo de todos os lados, como se houvesse uma multidão a minha volta ansiando me destruir, mas eu não conseguia entender nada, era como se falassem em outro idioma, nem mesmo reconhecível, o que eu estou ouvindo? Não consigo levantar meus olhos para tentar descobrir.

De repente me sinto acompanhado, como se tantas vozes tivessem trazido alguém até mim, eu não quero olhar, eu não quero ouvir, eu quero ficar sozinho de novo.

“SAI DAQUI!”

Eu gritei, me encolhendo ainda mais e sentindo um sussurro frio junto aos meus ouvidos.

Algo frio me tocou, isso não parece uma mão, não sinto força no meu corpo para desencostar isso de mim, como uma membrana gélida, inconsistente como fumaça, parecia acariciar meu rosto como se me possuísse.

Por que estou tão fraco?

Ele está fazendo isso comigo?

Eu não... Eu não consigo impedir, não tenho forças, não me controlo mais... Aquilo segurou meu queixo e sem dificuldade levantou meu rosto para si, que merda é você? Parece uma sombra, fumaça contida, seus olhos... não existem, são vazios, mas seu não-olhar parece me consumir, como se dissesse que agora pertenço a ele. Essa forma, ainda exalando sussurros ruidosos, se desmancha diante de mim e voa na minha direção me cobrindo completamente.

Eu não consigo ver mais nada, a fumaça preta entrou em meus olhos e me cegou subitamente, meu peito mostrava-se apertado mais uma vez, mas minha respiração não se acelerou, ao contrário disso, aquilo gelado me cobrindo, parecendo invadir meu corpo, fez eu me sentir plenamente fraco, fraco ao ponto de não conseguir puxar o ar para dentro dos meus pulmões, até porque eu podia senti-los já cheios da névoa obscura, eu estava preenchido desse vazio.

E ali fiquei, sentindo todo meu ser, dos meus órgãos à minha alma, sendo consumidos pelo Vazio, por esse tipo de alma, ao final, eu não estava errado, foi e agora para sempre será somente eu e nenhuma alma viva sequer.





O ÚLTIMO SAQUE

Anna Nunes, Leonardo Caetano,
Sarah Turchetto, Laura Cannata

O último saque

Anna Nunes, Leonardo Caetano, Sarah Turchetto, Laura Cannata

O vento gelado batia em meu rosto enquanto corria pela calçada em direção à escola. Eu tinha acordado atrasado, porque esqueci de ligar o despertador na noite anterior. Meu estômago embrulhava de nervoso, já que naquele dia teria campeonato de vôlei na escola, e o professor Kauan não gostava de atrasos.

Quando finalmente cheguei, o sinal já tinha tocado. Corri até a quadra e encontrei meus amigos organizando os times. O professor comentou que a escola havia trocado a rede antiga por uma nova, porque alguns alunos do primeiro ano tinham rasgado a outra durante o recreio. A nova rede parecia estranha, pois ela era mais alta e muito maior que o normal, quase como se tivesse sido feita para outro esporte. Mesmo assim, começamos a jogar. Enquanto o professor falava, tive a impressão de ver alguém parado perto da arquibancada. Quando olhei de novo, não havia ninguém ali.

No meio da partida, o Luka tentou cortar uma bola muito forte, mas acabou tropeçando e caindo direto na rede. O impacto foi tão forte que a rede caiu em cima dele, arranhando seu braço e causando um pequeno corte. Tivemos que parar a partida para ele lavar o machucado, então o levamos até o vestiário. Enquanto ele passava água no braço, eu percebi que o espelho parecia rachado em vários lugares, como se alguém tivesse batido nele com força. O ambiente estava silencioso demais. Até o barulho da chuva parecia distante.

Então ouvimos um estrondo.

O barulho foi tão alto que fez todos nós pularmos de susto. Quando olhamos para o espelho, vimos ele se despedaçando sozinho diante dos nossos olhos. Os cacos caíram no chão e Luka desmaiou imediatamente; desesperados, tentamos acordá-lo. O professor Kauan pegou água para jogar em seu rosto enquanto eu olhava em volta, tentando entender o que tinha acontecido. Foi então que percebemos uma sombra parada na porta do vestiário.

Era um aluno alto, usando um moletom preto e capuz; seu rosto estava completamente escondido por uma máscara escura. Ele não falava nada. Apenas observava. Saímos

carregando Luka para a quadra, mas quando chegamos lá, sentimos um arrepio atravessar o corpo inteiro. A rede estava caída no chão... mesmo ninguém tendo tocado nela.

A bola começou a quicar sozinha no centro da quadra.

Uma.

Duas.

Três vezes.

O som ecoava pela quadra vazia.

O garoto encapuzado apareceu novamente do outro lado da quadra. Dessa vez, ele levantou lentamente a mão e apontou para nós. Nesse momento, todas as luzes da quadra começaram a piscar ao mesmo tempo.

Então ouvimos uma voz baixa e rouca vindo da direção dele, embora sua boca não se mexesse:
— Vocês não deveriam ter jogado aqui hoje...

Antes que pudéssemos correr, a bola voou com força na nossa direção, como se alguém a tivesse arremessado. As portas da quadra bateram sozinhas e as luzes se apagaram completamente.

Ficamos presos no escuro.

Por alguns segundos, a única coisa que se ouviu foi o som da chuva do lado de fora. Então a bola voltou a quicar.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Só que agora ela parecia estar se movendo pela quadra.

O som se aproximava.

Toc.

Toc.

Toc.

Ninguém teve coragem de falar nada.

Quando as luzes piscaram por um instante, vimos o aluno encapuzado parado bem no centro da quadra. Não estava mais do outro lado. Estava a poucos metros de nós.

Outro clarão.

Ele estava mais perto.

Mais um.

E então vimos seu rosto.

Ou melhor, o que restava dele.

A pele parecia queimada, os olhos eram completamente escuros e parte da cabeça estava coberta por cicatrizes profundas.

Luka soltou um grito.

As luzes se apagaram novamente.



Quando voltaram, o garoto havia desaparecido.

A bola continuava parada no centro da quadra, imóvel.

E até hoje ninguém sabe quem era o aluno encapuzado... porque no dia seguinte, ao procurarem no anuário de fotos da escola, descobrimos que nenhum aluno com aquelas características estudava lá.

Dois dias depois do ocorrido, a curiosidade tomou conta de nós. Eu, Kauan e Luka resolvemos procurar informações antigas na biblioteca da escola. Depois de mexer em caixas cheias de jornais velhos e arquivos empoeirados, encontramos uma notícia de muitos anos atrás, que falava sobre um aluno que havia morrido de forma misteriosa dentro da escola durante um treino de vôlei. Segundo a matéria, o garoto era conhecido por ficar sempre sozinho. Uma reportagem menor, anexada à principal, dizia que a morte havia acontecido durante uma partida disputada justamente naquela quadra. O mais assustador era que nenhuma das folhas mostrava o nome dele; parecia que alguém tinha arrancado justamente a parte onde sua identificação aparecia.

Naquele momento, um silêncio pesado tomou conta da biblioteca. Começamos a perceber que ninguém nunca mencionou o nome daquele aluno porque, talvez, ele tenha sido apagado da memória da escola depois da sua morte. O garoto encapuzado que vimos na quadra não parecia apenas um aluno qualquer... parecia alguém preso ao passado, tentando avisar ou se vingar de algo que aconteceu anos atrás. E desde então, toda vez que o sinal do último horário toca, eu tenho a sensação de que ainda existe alguém observando a quadra vazia e esperando o jogo começar.



O QUE
ACONTECEU
COM ALEX?

Beatriz de Avelar

O que aconteceu com Alex?

Beatriz de Avelar Rodrigues

Tudo ao redor parece errado: as árvores distorcidas, como se fossem uma pintura surrealista de tinta ainda fresca; o céu e os galhos totalmente negros; e as folhas pintadas de vermelho-sangue, exalando um odor pútrido que revira o meu estômago. Ando, tropeço, corro, corro ainda mais rápido, mas sempre volto para o mesmo lugar. Meu coração bate tão rápido que eu seria capaz de vomitá-lo. Ah, sim, sim... eu me lembro desse lugar. Eu conheço essas árvores, ficam no estacionamento, do lado de trás da escola... um coração envolve as iniciais “A+I” cravadas em um dos troncos.

- Ivan? — Ouço, em meio à floresta infinita, uma voz chamando o meu nome.
- Quem está aí? — pergunto já ansioso.
- Ivan?! — ouço novamente, mas, desta vez, a voz gritava mais alto. Parecia perdida, assim como eu, e horrorizada com alguma coisa: havia algo nessa floresta.

Forço a minha visão e, entre os galhos, consigo ver a silhueta de algo. Era difícil enxergar, parecia uma pessoa, mas também parecia que não. Era assustadoramente alta e torta, quase se fundindo com os galhos e com a escuridão. De repente, sinto minha respiração ficar errática, o odor de carne podre se intensifica. A coisa sussurrava coisas que eu não entendia e, mesmo sem conseguir ver seu rosto, eu sabia que ela me encarava; e eu a encarei de volta.

— IVAN!!! ACORDE!!!

Acordo em um sobressalto, suado da cabeça aos pés, respiração ofegante. Ótimo, o mesmo pesadelo, de novo. Respire fundo, “Foi só um sonho”, repito para mim mesmo. Que horas são? Vejo o despertador: seis horas e quarenta e dois; merda, vou me atrasar de novo. Os raios de sol adentravam e revelavam a bagunça do quarto: as cuecas e os tênis sujos de lama largados para serem lavados algum dia desses, pacotes de salgadinhos e um pequeno retrato quebrado ao canto, uma foto de mim e de alguém que eu quero esquecer. Eu deveria pegar uma vassoura para não pisar nos cacos de vidro de novo, é... eu deveria. Tiro o pijama e vou às pressas para o banheiro, passo água no rosto e me olho no espelho. Ignoro os cabelos desgrehados e as olheiras fundas, mas é difícil ignorar as bolinhas vermelhas crescendo na minha testa. Eu não deveria ter comido aquele bombom recheado, crocante por fora, cremoso por dentro... Ainda sinto o seu gosto na língua, açucarado e dormente. Mas não

dura muito, o docinho logo vira retrogosto de menta, um frescor no vai e vem das cerdas entre os meus dentes. Tchau, tchau, bombom.

— Ivan!!! Vamo, tá atrasado! — Eu cuspo a espuma na pia.

— Já tô indo, mãe! — Gritei, para que despertador, né?

Visto meu uniforme e vou em direção à cozinha, mas paro abruptamente quando dou de cara com “a coisa” no corredor, me olhando e sussurrando palavrinhas que eu não entendia. Era tão alta que a sua cabeça tinha que ficar de lado, encostando no teto. E o rosto...um amálgama de carne desfigurada, difícil chamar aquilo de “rosto”. Em contraste, ela vestia uma longa manta branca, o tecido fino arrastando no chão, quase angelical. Fecho os olhos e finjo que não a vi. Desde aquele dia, essa coisa tem me encarado por todos os lugares, completamente imóvel. Não sei se vou me acostumar com isso. Sigo o aroma do café com leite e do pão com manteiga quentinho sobre a mesa.

— Você tem dormido demais, filho. Tem que se comprometer com a escola, fica o dia todo lá para quê? — Sermão logo de manhã, ninguém merece. — Você não era assim, mas desde que brigou com o Alex... Já se resolveram? — Sinto uma sensação estranha só de ouvir o nome, a coisa me encarando no cantinho da porta.

Finjo não dar a mínima. Pigarreio, engulo os últimos goles de café e saio em disparada, encerrando a conversa que sequer havia começado. Minha mãe grita alguma coisa, mas eu não a escuto. O dia estava consideravelmente frio, mas, apesar dos raios de sol, me estremeço todo. Deve ser sobre isso que minha mãe havia gritado, “Ivan, não esqueça a blusa de frio!”, penso. Ela sempre diz isso, e eu nunca a escuto. Enquanto meus pés pisam nas folhas secas, Alex me veio à mente. Por que minha mãe tinha que falar dele? Já faz dias! Preciso esquecê-lo, mas é difícil quando se tem aquela coisa me perseguindo para todo lugar, e toda vez que ela aparece, eu penso em Alex, ou vice-versa. Esfrego minhas mãos nos braços, a ventania levando todo meu ânimo embora. Ela poderia levar essa coisa me seguindo embora também, levar Alex da minha mente. Enfim, escola.

Luto contra uma aglomeração de hormônios ambulantes, tentando ler o mural das aulas e horários de hoje. Redação e leitura, sala dezesseis. Subo as escadas, entro e me sento. A professora começa a chamada, e “aquela coisa” que vive me perseguindo havia sumido por agora. Suspiro, aliviado. Agatha? Faltou. Alberto? Presente. Alex? Não veio de novo? Nossa, alguém tem notícias dele, nenes? De repente, um grupinho do outro lado da sala passa a me encarar. Só porque eu era o melhor amigo de Alex, como se eu é que devesse dar satisfação a todos sobre seu paradeiro. Aqueles lá são os que preferi apelidar de “amigos de segunda categoria de Alex”, os invejosos que estragaram tudo, estragaram o Alex, e agora agem como se estivessem preocupados, como se quisessem realmente saber onde ele está, mas não querem, porque foi tudo culpa deles, para início de conversa.

— Ivan, sabe quando o Alex volta?

— Oi? Não, não sei. Está de atestado ainda, e não falo com ele nem com a avó dele faz dias.

— Respondi à professora. Aula vai e vem, cochichos ali e aqui, mas nem os textos enormes da apostila são o suficiente para cessar os olhares feios voltados para mim. E “a coisa” apareceu no canto da sala, de repente, quando “Alex” entrou na boca da turma. Uma vez, li na internet que as nossas mentes

inventam coisas, silhuetas, amigos imaginários... monstros. Eles passam a nos perseguir depois de um trauma ou quando fazemos coisas ruins, a personificação da culpa. Mas não acho que seja culpa, não, ele mereceu. Pulo de leve da cadeira quando o sinal toca, o barulho me arrancando dos pensamentos, os dias têm passado cada vez mais rápido. Quando eu e Alex estávamos juntos, os dias pareciam uma eternidade. Por que eu me lembrei disso? Esqueça.

No intervalo, caminho pelos corredores, escondendo os fones de ouvido sob o capuz.

— Ivan? — Me viro quando ouço alguém sussurrar o meu nome e modo hesitante. Não havia ninguém atrás de mim. Deve ser coisa da minha cabeça. Continuo andando quando começo a ouvir múltiplos sussurros, todos chamando meu nome. Sinto um calafrio na espinha, rapidamente me viro e, novamente, não vejo ninguém. Sinto um cheiro podre, olho para frente e paro.

A coisa.

Ela estava lá, no final do corredor, me esperando.

Eu tento fingir que não a vi de novo. Qualquer um na minha situação ficaria aterrorizado, mas ela nunca fez nada além de me olhar de longe e sussurrar. “IVAN!!!”. Meu coração pula dentro do peito quando aquela coisa começa a correr atrás de mim, chamando meu nome em um grito animalesco, rasgando a garganta, em prantos. Meu cérebro grita para eu correr, mas meus pés não obedecem. A coisa chega cada vez mais perto e, pela primeira vez, sinto medo dela. Corro, empurro os alunos que não passam de borrões e corro o mais rápido que posso. Me tranco no banheiro masculino e, com as mãos trêmulas, ligo para a minha mãe. Peço para ela me buscar, que era urgente, que meu coração estava batendo muito rápido e já não conseguia respirar, que tinha alguma coisa de errado, muito errado, por favor, mãe, por favor venha me buscar, agora!

Eu não conseguia dormir, não podia. Eu sabia que voltaria para aquele lugar assim que meus olhos se fechassem, sabia que ouviria aquela voz me chamar em meio às árvores. Não importava o tanto de perguntas que minha mãe ou a escola fizessem, eu não conseguia pôr em palavras tudo o que estava acontecendo. Eles não podiam saber. Eu não posso dormir.

No dia seguinte, segui a mesma rotina de sempre, a cabeça latejando de dor e os olhos pesados, mas eu não podia fechá-los. Chegando à escola, percebi uma movimentação estranha demais para uma sexta-feira qualquer, o “dia de emendar o final de semana”. Aquele grupinho de sempre, que me encarava no canto da sala, estava rodeando alguém, enchendo-o de perguntas e preenchendo a sala com gritos e risadas escandalosas.

— Gostei do novo penteado, Alex! Você voltou meio diferente, né? Achei que tinha morrido, seu vagabundo!

Meu corpo congela. “Alex”? Eu ouvi direito? Olho para todos os lados, em pânico, pronto para me deparar com aquela coisa em algum canto. Nada.

— E aí, Ivan! Que cara é essa, mano? — Não. Não pode ser. Alex? É você mesmo?

Ele estava bem ali, bem na minha frente, bem intacto, sorrindo como se nada tivesse acontecido. Estava um pouco diferente, mas ainda assim, era ele. A pele bronzeada e repleta de sardas,

os cabelos, antes castanhos, agora estão tingidos de azul, igual ao céu. Os olhos negros e aquele sorriso... tão radiante quanto o sol. Isso só pode ser um sonho.

— Tava com saudades? — Ele ri. Não consegui responder a ele. Como ele está aqui? Perfeitamente bem?!

Agarro-o pelo pulso e o puxo para um cantinho mais isolado, afastando-o do grupo e ignorando os olhares tortos dos outros alunos direcionados a nós. Encaro-o de cima a baixo, minhas mãos trêmulas o segurando com força, como se, caso eu o soltasse, ele desapareceria, ou eu acordaria desse sonho.

— Alex? C-como? Como você...está aqui?! — Minha voz sai mais trêmula do que gostaria. De repente, minha cabeça começa a doer ainda mais, certas memórias vindo à tona como um caminhão. — Por que você está tremendo desse jeito, Ivan? Vamos, me solte, a gente tem lição para fazer, né? — Como pode ele estar sorrindo daquele jeito? — Precisamos conversar... você... meu Deus, e-eu... Alex, sobre aquele dia...

— Me solte, agora.

Meu corpo congela. Toda a alegria de sua voz se transformando em rispidez em segundos. Sua fala agora era ácida, sombria. Eu imediatamente o soltei, meu coração batia rápido dentro do peito. Eu não conseguia olhar no rosto dele, não conseguia entender como, ou por quê. Ele se aproxima, meu corpo completamente paralisado. Sua presença exalava um cheiro podre, me pergunto o porquê de ninguém ter comentado sobre. Ele chega bem de pertinho, sussurrando em meus ouvidos:

— Nos vemos hoje à noite, naquele lugar, quando todo mundo for embora. Você sabe qual. Só tome cuidado para a diretora ou as tias não verem você. Sei que tem muitas perguntas, mas não posso respondê-las, não aqui. — Alex se afasta, exibe um sorriso gentil e casualmente volta para a sua carteira.

Todos estavam felizes com sua volta à escola: “Oi, turista!”, “Me passa a sua gripe para eu ficar uma semana sem vir para a aula também!”. Mas eu não conseguia tirar os olhos dele, do seu maldito rosto, e sei que ele percebeu isso. Eu o encarava, e ele me encarava de volta.

O dia durou uma eternidade.

Depois de algumas horas (ou séculos), a noite finalmente caiu, e os portões do inferno foram abertos, libertando as almas perdidas para seguirem seus respectivos caminhos, e lá estava ele, parado na saída, me esperando. Não digo uma única palavra, apenas o acompanho e observo ele se despedir dos amigos de segunda categoria. A caminhada furtiva até o lado de trás da escola se mantém assim: silenciosa. Precisamos ficar em silêncio para que ninguém da escola nos veja, mas ainda assim, todo aquele silêncio beira ao insuportável.

Quanto mais fundo adentramos no mato mergulhado na escuridão, mais o meu corpo suava e tremia. Eu estava com medo, com medo de olhar para Alex, de falar com Alex, com medo do Alex. De repente, ele para de andar, e eu paro também. Depois de muito tempo (o suficiente para que todos os funcionários fossem embora da escola e o bastante para minha mãe me encher de mensagens

e ligações perdidas perguntando onde eu tinha me metido), Alex lentamente se vira para mim. Aqueles olhos negros, quase que sem vida, penetram a minha alma pecaminosa. Não havia expressão alguma.

— Você se lembra desse lugar, Ivan? — Sim, eu me lembro bem, mas queria esquecer. Era o que eu queria dizer a ele, mas a minha voz está presa na garganta.

Percebendo que eu não iria responder, ele continua:

— Você me mandou uma mensagem, bem tarde da noite, pedindo para nos encontrarmos aqui. Que precisava “conversar”. Era final de semana, não havia ninguém... E essa árvore aqui, você lembra dela? — Seus dedos traçam o coração e as duas letras cravadas no tronco, as iniciais dos nossos nomes, feitas em um intervalo qualquer.

— Você deveria estar morto. Eu finalmente disse, com voz hesitante. Não sei ao certo de onde veio a coragem, mas finalmente consegui dizer o que estava preso na minha garganta. Alex continua estático, olhando no fundo dos meus olhos. — Você deveria estar morto. E-eu... Você sequer deveria ter um rosto, caramba! — Minhas pernas fraquejam, por que ele não diz nada?! Pare de ficar aí me olhando e me diga como você tá vivo!

Subitamente, ele começa a tocar o próprio rosto, sem tirar os olhos de mim.

— Ivan, por que você fez isso comigo? — Uma raiva se instaura dentro de mim. Meus punhos se fecham, lágrimas começando a queimar os meus olhos. — Você mereceu. Eu achava que éramos melhores amigos! Mas não, você me trocou, você não é mais o Alex que eu conhecia!

Alex lentamente coloca as mãos nos bolsos. Ele começa a sussurrar, os olhos fixos em mim, sem piscar, sem se mexer. Eu desvio o olhar, sentindo meu estômago revirar quando tudo ao redor passa a ter cheiro de carne podre e sangue.

— Olhe para mim, Ivan. Não era o que você queria? Que eu tivesse olhos apenas para você? — Não. Não consigo, não consigo não posso eu preciso sair daqui o que está acontecendo?! Que merda é essa?! Quero vomitar, meu Deus, como ele está aqui? Como ele está vivo? Eu preciso sair daqui — IVAN!!! OLHA PARA MIM! — Alex berra, os olhos negros e arregalados, sua mandíbula se abrindo de forma anormal.

Sinto um calafrio na espinha, uma sensação horrível, a mesma sensação de quando aquela coisa me encarava ao longe. Eu corro, deixo Alex para trás, mas tropeço e caio quando vejo aquela coisa sair de trás de uma das árvores. O corpo alto e torto, revestido pela manta fina e branca, e o rosto desfigurado, um amálgama de carne. Era o mesmo rosto de Alex.

O rosto que eu destruí, com as minhas próprias mãos, com a mesma faca usada para cravar o coração e nossas iniciais na árvore. A coisa agarra o meu rosto, seu aperto era tão forte que sentia que meu crânio iria explodir em pedaços, meus pés saindo do chão e se debatendo no ar.

Minha garganta dói de tanto gritar, de tanto implorar por ajuda, de tanto ouvir o choro de Alex.

— Ivan...obrigado por me conceder este corpo. Como agradecimento, você vai ser igual a mim! Agora seremos inseparáveis, feito unha e carne, do jeitinho que você sempre quis — Alex já não era mais um menino.

Alex era alto e torto, a voz distorcida e o rosto completamente destroçado. Suas mãos atravessam o meu estômago, rasgando minha pele, meus músculos, jorrando sangue para todo lado. Eu já não conseguia mais gritar, as garras da outra coisa me mantinham pendurado, amassando e perfurando o meu rosto feito argila, feito nada.





QUEM SERÁ O
PRÓXIMO?

Lorena Navarro

Quem será o próximo?

Lorena Navarro Vaz

Era mais um dia normal na minha escola. Eu caminhava em direção à sala de Biologia, a mais isolada e apavorante do local. A sala era pequena e transmitia uma sensação de desconforto por possuir esqueletos e representações de órgãos, aquilo me enjoava.

Eu sabia o que me esperava se seguisse meu caminho, aquele grupo detestável de garotos inseguros em bando iria me zombar. Eles se achavam superiores por terem Enzo Pedro como seu “líder”, o garoto era filho do diretor. Sempre que os encontrava, era um motivo diferente para me baterem e me humilharem, mas não podia reagir, pois eu era menor que todos eles.

Além dos problemas na escola, havia meu pai. Desde que minha mãe morreu, ele quase não ficava em casa. Quando aparecia, era sempre cansado, irritado ou acompanhado de alguma mulher diferente. Eu tentava fingir que isso não me incomodava, mas toda vez que o via sentia a mesma revolta crescer dentro de mim.

Naquele dia foi pior, Enzo estava irritado por que seu pai não lhe havia dado um novo celular, ou algo assim. Tentei fugir dali o mais rápido que pude, então corri em direção à escada desativada da escola.

Quando consegui parar de correr, atentei-me ao que estava a minha frente: um bebedouro que nunca havia visto antes; estranhei, pois eu sempre estava lá. Ele era grande, ocupando quase toda a parede, parecia ter sido polido, pois eu conseguia me enxergar em seu reflexo. Lá de dentro, um odor forte saía, assim que senti o cheiro, recordei-me da semana passada, quando fui visitar

minha mãe em seu túmulo. O cheiro de tristeza e morte daquele lugar era algo inesquecível.

A aura daquele lugar era pesada, ela me lembrava da sala onze, de Biologia. Queria sair dali, mas quanto mais eu o olhava, mais perguntas surgiam na minha mente. Resolvi sair dali, pois não podia me atrasar para a próxima aula.

Estive focado nos estudos nos próximos três dias, mas minha mente ainda estava naquele dia. Tentei falar sobre o bebedouro com um grupo de garotos — tão introvertidos quanto eu — que sempre se escondiam na escada desativada, mas eles falaram que não tinha nada ali, que tinham passado todo o almoço lá e que não existia nenhum bebedouro. Eu estava imaginando coisas? Indo contra meu instinto, voltei lá.

Quando cheguei, o bebedouro continuava do mesmo jeito e com o mesmo odor repulsivo de antes. Com uma coragem estranha que me invadia, apertei sua torneira e de lá saiu um líquido vermelho. Fiquei estático ao constatar que aquilo era sangue. Quando ele escoou da torneira, um odor ainda mais forte se espalhou. Por um instante, pensei em Enzo e em como seria bom passar um único dia sem ouvir sua voz. Assim que aquele pensamento cruzou minha mente, o líquido pareceu escorrer mais rápido pelo metal. Balancei a cabeça, tentando afastar aquela impressão absurda.

Porém, nem tive muito tempo para pensar em vomitar ou refletir sobre aquilo, pois vi uma pessoa correndo em minha direção, era Enzo Pedro, o que ele fazia ali naquele momento tão inoportuno?

— O que você está fazendo aqui!? — gritei. Ele, com seu jeito bruto, respondeu:

— Cala a boca, seu merdinha! Me ajuda a me esconder do meu pai!

Ele, diferente dos outros, pareceu se espantar com o bebedouro ao nosso lado. Perguntei, então:

— Você consegue vê-lo?

— É claro, idiota! — Ele respondeu, falando com propriedade — Fica aí na frente que vou me esconder aqui atrás.

Sem ter muito tempo para pensar, fiquei na frente e vi o diretor passando correndo para a outra direção procurando por seu filho.

Quando olhei para trás novamente, vi a coisa mais assustadora de minha vida: Enzo Pedro agonizava de dor, enquanto o bebedouro parecia engoli-lo. Ele tentava gritar, mas sua cabeça já estava sendo puxada para dentro. Sua barriga estava entrando aos poucos, eu conseguia ver seus órgãos internos sendo esmagados pela pressão do metal em seu corpo, o sangue escorria para fora, como se a coisa estivesse salivando. Tentei gritar, mas eu tinha a sensação de que algo me segurava, impedindo-me de fazer qualquer coisa.

Em questão de segundos, a pessoa que mais atormentava a minha vida estava morta, devorada por algo ou por alguém, eu não sabia dizer. Eu me perguntava por que aquilo ter acontecido e, principalmente, por que eu ainda estava vivo encarando aquela coisa ensanguentada.

Quando vi o diretor da escola vindo na direção da escada, saí correndo em sentido oposto. Consequia somente ouvir de longe os gritos mais agonizantes que já havia escutado, o diretor gritava por ajuda ao ver seu filho sem vida bem à sua frente.

— NÃO! MEU DEUS, É O ENZO! ALGUÉM! AJUDA! — ouvi ao longe.

Depois eu soube que o corpo dele estava sem a cabeça, restando apenas parte do tronco, o braço esquerdo e suas duas pernas. O diretor apenas o reconheceu por ele estar vestindo aquele moletom da Nike que usava quase todos os dias.

Os zeladores e seguranças da escola foram até o local e a polícia foi acionada imediatamente. Curiosamente, havia câmeras em cada pedaço da escola, mas não na escada desativada (por isso sempre nos escondíamos lá). Agora, porém, isso parecia um erro, já que não havia nenhum registro do que tinha acontecido. Como ninguém conseguia enxergar o bebedouro além de mim e Enzo, e não foi encontrado nenhum vestígio no local, o caso foi dado como “sem solução”. Pensei muito se deveria contar para alguém o que de fato aconteceu, mas eu já era considerado estranho o bastante para declarar publicamente ter presenciado algo que, claramente, não poderia ser real.

Naquela noite, não consegui dormir. Eu deveria estar horrorizado, mas uma parte de mim continuava repetindo que a escola estava melhor sem ele. Toda vez que esse pensamento surgia, eu me sentia culpado. Ainda assim, não conseguia impedi-lo.

Passaram-se duas semanas e a escola voltou a funcionar. E os próximos dias foram... diferentes, para dizer o mínimo. Ninguém nunca mais zombava de mim, nem sequer olhava para mim. Será que era somente o Enzo que tinha essa obsessão por mim? Nesse aspecto, até que as coisas estavam melhores, mas não se passou muito tempo até minha curiosidade me mandar visitar o bebedouro assassino novamente.

Quando cheguei, ele estava lá novamente, o grande bebedouro. Mas agora havia algo diferente, pendurado com uma fita vermelha, havia uma carta com meu nome nela.



“De: -”

“Para: Rodrigo”

Sem pensar duas vezes, abri a carta e lá dentro estava escrito:

“Quem será o próximo? Decida!”

Sufocando um grito, olhei para aquela carta com uma expressão de susto! Quem teria escrito aquilo? Será que realmente foi alguém? Ou será que foi alguma coisa? Não sabia dizer. Será que aquelas palavras queriam dizer que o responsável pela morte de Enzo teria sido eu? É claro que não! Não sou um assassino! Quem fez aquilo foi aquela coisa metálica. Fiquei encarando aquelas palavras por vários segundos. Na mesma hora pensei em dezenas de pessoas que já haviam me machucado. Colegas. Professores. Meu próprio pai. Assustado com a direção dos meus pensamentos, amassei a carta e a joguei no chão.

Os dias se passaram novamente, e agora eu estava sem problemas na escola, mas eles começaram a se concentrar em minha casa. Meu pai quase não parava em casa, ele estava sempre

trabalhando ou fazendo sei lá o que, de modo que eu não o via há três semanas. Só quem ia me visitar era a minha vó, que me levava comida às vezes.

Só sei que naquele dia foi diferente: meu pai chegou em casa com uma expressão exausta, acompanhado de uma mulher usando saltos e um vestido colado em seu corpo. Quando ele me olhou, tentei cumprimentá-lo, mas ele parecia ter só me ignorado. Eu o odiava por estar saindo com outras mulheres e ter esquecido de minha mãe tão rápido. Ignorei aquilo, pois ia me irritar e não era isso que eu queria naquele momento.

Quando voltei à escola no dia seguinte, fui verificar se existia alguma carta nova no bebedouro, mas não havia nada. Eu olhava para aquela coisa e me perguntava por que aquilo tudo estava acontecendo comigo. Parecia ter sido planejada a morte de Enzo ter acontecido bem na minha frente. Por que eu tive que estar ali bem naquele momento?

Enquanto fiquei ali observando, fui surpreendido por uma voz chamando meu nome.

— Rodrigo! Cadê você!?

Quando me virei era... meu pai!? Naquele momento senti duas coisas ao mesmo tempo: surpresa e irritação. Havia semanas que ele mal aparecia em casa, e agora surgia ali, do nada, querendo conversar.

— Filho! Achei você! Rodrigo, meu filho, precisava falar com você o quanto antes.

— Por que veio até minha escola, pai?

— Eu queria... ou melhor, eu precisava dizer a você... espera, por que tem um bebedouro tão grande nessa escada?

— Você consegue vê-lo também!? — perguntei ansioso.

— É claro! — meu pai me respondeu, me olhando como se eu fosse louco de ter feito uma pergunta idiota.

— Enfim, me diga o que veio dizer.

— Filho...

Antes que meu pai conseguisse terminar de falar, aconteceu de novo. O velho parecia ter sido sugado para perto do bebedouro. Eu sabia o que aquilo significava. Ele gritava por ajuda;

— RODRIGO, ME AJUDA!

Tentei correr para ajudá-lo, mas... até que aquilo poderia ser bom. Talvez minha mãe finalmente pudesse dizer tudo o que nunca teve tempo de dizer a ele. A ideia surgiu em minha mente por um segundo. Apenas um segundo. Mas surgiu. Não! É claro que não! Ele ainda é meu pai, preciso ajudá-lo.

Corri então para puxá-lo, mas a força daquela coisa era tão grande que não consegui fazer nada. Meu pai gritava por ajuda, mas seu corpo era triturado aos poucos pela coisa. Suas pernas eram desfeitas com lentidão. Quando chegou em seu tronco, foi pior. Eu conseguia ver suas entranhas serem jorradas dali e meu pai desistindo de lutar por sua vida e aceitando seu destino. Sua cabeça caiu para o lado direito e eu não conseguia mais enxergar seus olhos com qualquer vida.

Percebi então que, novamente, a pessoa que eu mais odiava estava novamente morta na minha frente.

Com meu corpo completamente ensanguentado, olhei para baixo com uma certa culpa e notei que ao lado dos meus pés havia uma carta igual a que eu tinha encontrado alguns dias atrás. Abri, e dentro estava escrito:



“Você gostou do presente? Quem será o próximo agora?”

— COMO ASSIM? EU NÃO QUERO QUE NINGUÉM MORRA! EU NUNCA QUIS ISSO! — Gritei para as paredes.

A carta que estava em minhas mãos começou, então, a ser escrita sem nenhum tipo de caneta, as palavras apenas apareceram uma a uma:

“É claro que você quer! Caso contrário ninguém teria morrido”.

— NÃO! EU NÃO SOU ASSASSINO! VOCÊ FEZ ISSO!

Vi surgir no papel em minhas mãos:

“Rodrigo, você mente”.

Você mesmo pensou que seria melhor para você se aquelas pessoas fossem mortas, então as matei.

Você é parecido comigo, por isso quis fazer isso por você”

Não, não pode ser. Eu que matei o Enzo e o meu pai? Não! Não sou o assassino!

De repente, senti um aperto tão forte no coração que parecia que iria explodir. As lembranças começaram a voltar de forma confusa. O sangue. O bebedouro. As cartas. Os pensamentos que eu tentava esconder até de mim mesmo. Senti uma dor absurda no peito. Meu coração parecia apertado por mãos invisíveis. Tontura. Falta de ar. Minha visão escureceu aos poucos. A última coisa que vi foi o reflexo do bebedouro. Por um instante, a superfície metálica mostrou meu rosto sorrindo para mim.

Quando acordei, estava em uma sala inteiramente branca e com as roupas inteiras brancas também. Ouvi alguém me chamar com uma voz extremamente raivosa.

— Rodrigo?!

— Mãe? Mas como...?

— Você deixou seu ódio te consumir! Eu te avisei! Você é idêntico ao seu pai, um assassino!

Você matou aquelas pessoas! Não merece ser meu filho! — Ela me disse isso com uma expressão que eu nunca havia visto nela.

Relutei para acreditar, mas as lembranças continuavam voltando.

Eu não havia matado ninguém com as próprias mãos, mas também não era inocente. Em algum lugar entre o meu ódio e aquela criatura, aquelas mortes tinham começado.

Pela primeira vez, senti medo de descobrir quem realmente era o monstro daquela história.

"SUA Dor Será minha
força. E Eliminarei
qualquer um que se
COLOCAR NO Seu
caminho."





The background of the cover is a detailed illustration of an open wooden door. The door is made of dark wood with a traditional panel design and a metal handle. It is set within a frame of the same wood. The walls on either side of the door are covered in a light-colored, heavily cracked and peeling material, possibly plaster or wallpaper, which adds to the aged and mysterious atmosphere. The floor is also made of dark wood planks. In the center of the door frame, there is a white, slightly wavy rectangular piece of paper.

UM SEGREDO OBSCURO

Catherine P. Berbery

Um segredo obscuro

Catherine Pellicer Berbery

Larry era um funcionário da secretaria no colégio José Marques da Cruz, um homem carismático que muitos admiravam, especialmente pela sua calma, porque não parecia fácil para Larry se locomover sozinho nos corredores da escola com a cadeira de rodas que utilizava. Não era comentado abertamente, mas ele sofreu um acidente há anos, quando era ele mesmo um aluno do Ensino Médio, o que resultou na perda do movimento na parte inferior do seu corpo. Porém, era perceptível que Larry não deixou isso afetar o seu psicológico e parecia tranquilo, até mesmo acostumado. Ainda assim, alguns alunos comentavam que ele ficava estranho sempre que presenciava brincadeiras mais agressivas nos corredores, então todos evitavam qualquer comportamento inadequado em sua presença.

Certo dia, durante uma tarde cansativa na escola, Caio, aluno do terceiro ano, foi até a secretaria procurando por uma cola-quente para realizar um trabalho da professora Suzana, mas todos os funcionários pareciam ocupados, exceto por Larry, que tinha acabado de conversar com uma mãe de algum aluno. Antes de chegar ao balcão, Caio passou por um colega menor e bagunçou seus cabelos apenas para irritá-lo, arrancando algumas risadas dos amigos. O jovem então perguntou ao funcionário se ele sabia onde encontrar uma cola-quente. Como resposta, ouviu que aquilo parecia artigo de luxo: todos pegavam emprestado, mas não devolviam, e que eles poderiam procurá-la no almoxarifado, lá perto do teatro.

Aquela sala se localizava bem no final de um dos corredores, o que já tornava as vozes da secretaria mais baixas e abafadas, além de ficar em uma parte mais escura, sem muita iluminação.

Assim que Larry se aproximou junto de Caio, ele abriu a porta da sala.



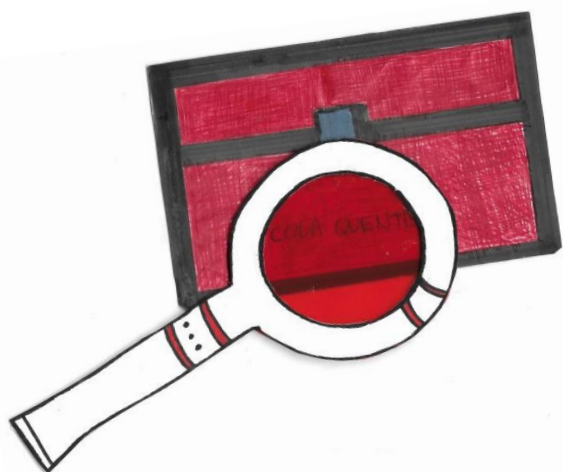
Um ar empoeirado saiu do ambiente, e o jovem sentiu um arrepio percorrer seu corpo, mas mesmo assim, logo eles adentraram o armazém.

O local era um espaço grande e frio, mesmo sem janelas por ali, e também era bem bagunçado, de modo que parecia muito difícil encontrar algo naquelas estantes amontoadas de caixas e utensílios escolares. Ainda assim, Caio olhou em volta, tentando entender como se localizar naquele lugar, e foi então que o Larry chamou sua atenção:

— Sei que pode estar meio bagunçado por aqui, mas deve estar em algum lugar, então pode ir procurando desse lado. Eu olharei neste canto.

O aluno então concordou e foi para o lado esquerdo, já olhando em volta nas estantes sujas. Observando bem, Caio achou uma caixa um pouco mais afastada... Não! Era na verdade um baú, bem escondido por ali. Era um objeto bem grande e comprido, nem fazia sentido algo daquele tamanho, o que será que havia ali? Parecia caber muita coisa. Curioso, tentou abri-lo, mas estava trancado. Ao reparar melhor, percebeu que sua fechadura era um pouco maior do que uma comum, mostrando que não poderia ser aberta por uma chave qualquer. O mais estranho era que havia riscos profundos na tampa, como se alguém tivesse tentado forçá-la por dentro.

Num primeiro momento, o aluno pensou em chamar Larry e perguntar se sabia do que se tratava, afinal, todos sabiam que aquele cômodo era organizado por ele, que fazia questão dessa responsabilidade. Porém, ao procurá-lo ao redor, viu que ele ainda buscava a cola-quente, distraído e até cantarolando um pouco. Caio, então, olhou para o baú novamente, e a curiosidade acabou sendo maior. Mudando seu foco, queria tentar encontrar a chave daquele baú. Enquanto procurava, agora pensando no que poderia se encaixar naquela fechadura, Caio acabou encontrando a cola-quente que necessitava.



Porém, ele não queria sair da sala, não agora que poderia achar algo tão legal, e ele olhou para o baú novamente, percebendo que o tamanho da fechadura correspondia ao tamanho da cola-quente... Isso fez o jovem ter uma ideia.

Caio se aproximou, ajoelhando e analisando mais uma vez a fechadura, e então decidiu que não custava tentar. Ele olhou para trás antes, vendo se Larry ainda estava ocupado, porque não queria que ele o visse, vai que o baú era algo confidencial da escola, não é?

O jovem, então, tentou abrir, colocando a cola na fechadura, como havia imaginado, e acabou servindo perfeitamente. Tentando encaixar, ele ouviu um barulho e acabou se assustando, mas agora o caixote já tinha se aberto. A tampa se moveu apenas alguns centímetros e um cheiro podre escapou da abertura.

Caio recuou imediatamente. Teve a impressão de ouvir algo se mover lá dentro. Aproximou o rosto mais uma vez para tentar enxergar melhor.

Caio se aproximou rapidamente, querendo ver o conteúdo que poderia ter ali dentro. Mas antes que isso acontecesse, o aluno sentiu sua cabeça sendo empurrada para dentro, e logo o seu corpo também! O menino ficou desesperado assim que caiu lá dentro, olhou para fora e viu quem havia o empurrado: Larry.

O jovem, confuso, então perguntou:

— Larry!? O que é isso!? Me tira daqui!

E a única resposta que teve foi:

— Você queria saber o que tinha aí dentro, não é? Agora você sabe, porque você não é o primeiro curioso.

Caio olhou ao seu lado, e só agora percebeu que ele caiu em cima de um amontoado de ossos. Ossos humanos, e eram muitos, causando um desespero ainda maior no garoto.

Porém, antes de ele sequer se levantar, Larry fechou o baú, batendo sua tampa na cabeça do aluno com força, fazendo-o desmaiar. Na sequência, o trancou novamente, com uma expressão fria e séria.

Larry logo então saiu do armazém, como se nada tivesse acontecido, já que os gritos do garoto não poderiam ser ouvidos, o baú abafava cada pedido de socorro de Caio, que parecia ter acordado.

Naquele momento, Larry sentiu-se satisfeito, gostava dessa sensação, sentia-se vingado. Há anos prometera a si mesmo que não toleraria as brincadeiras e os comentários maldosos que os jovens faziam sobre ele.

Odiava os adolescentes.

Ficara paraplégico ainda muito novo, justamente numa escola, na qual estudava na época. Ao passar pelo corredor, viu dois estudantes zombando de outro mais novo. Larry desviou o olhar, mas seus dedos apertaram com força o aro da cadeira de rodas.

Por um momento, viu-se novamente lá, na ponta da escada, tentando fugir dos “colegas” que o perseguiam diariamente, com risos e falas maldosas; mas nesse dia, passaram do limite, então Larry viu-se, aos 15 anos, empurrado, caindo em câmera lenta até o andar inferior, sentindo seus ossos se partindo, até que não sentiu mais nada.

Isso foi há 20 anos, mas os efeitos daquela “brincadeira” eram lembrados todos os dias pelo ranger da sua cadeira de rodas. Desde esse dia, o jovem jurou para si mesmo que não permitiria que outros delinquentes fizessem o mesmo com mais ninguém, de modo que sempre que identificava um perfil assim nos estudantes, agia rápido.

Enquanto seguia pelo corredor, cumprimentado por professores e alunos que o admiravam, Larry sorriu discretamente. Para todos, ele era apenas um funcionário gentil.

Ninguém imaginava os segredos escondidos no fundo do almoxarifado.



The background of the cover is a detailed illustration of an open wooden door. The door is made of dark wood with a panel design and a metal handle. It is set in a wall of cracked, aged plaster. The floor is also made of dark wood. The lighting is dramatic, with strong shadows and highlights, creating a mysterious and somewhat eerie atmosphere.

O
VISLUMBRE

Luiza Scarin

O vislumbre

Luiza Scarin Junqueira Strick

Estou no meu quarto dia na escola, um lugar novo, grande e prestes a me engolir. O atraso me alcança, dizimando minhas tentativas de me encaixar. Naquele horrendo horário, aquele abismo novo silenciava meus passos desesperados. De repente, um eco, ao fim da escadaria, parecia uma súplica agonizante. Olho à minha volta, o corredor se mantém morto e indiferente, me aproximo da escadaria, de lá a súplica parece entoar em gritos, gritos agonizados.

Não entendo como, mas sou puxado pelo som, meus pés se arrastam pelos degraus, o som cada vez mais presente. Paro. Algo familiar interrompe meus pés, um vislumbre loiro, contrário ao estupor daquela escadaria, a qual parecia ressecada pelo tempo, engolida pelo mofo, eternizada num abandono sem vislumbre de luz. Meus olhos se encontram com a única claridade, seu cabelo preso com as pontas rosas desbotadas, o rosto e jeito conhecidos, tão radiantes quanto seus cabelos claros. Porém, algo estava errado, seu humor costumeiro havia se dissipado. Ela permanecia entre os degraus, com os olhos sem alma.

Sinto um cheiro forte, algo condensado no mofo, uma sombra escurece aquele uniforme impecável de sempre da garota. Espera, não é uma sombra, mas sim, um líquido, que consome suas roupas e escorre pelas suas pernas. Os olhos da garota, agora fixos em mim, borbulham com bolas de sangue desesperadas para sair.

...

Não me recordo de como fui parar em alguma sala, a cena passada parece apenas fruto de minha imaginação, porém sei que não é, não tem como ser. Passo a me atentar aos sons, às pessoas, às panelinhas, procurando algo que se encaixe. Procuro, com persistência, até meu olhar se encontrar com alguém, que, por sinal, já me encarava.

— Cara, você tá quase na cor da folha. Você tá bem?

— Tô, tava só pensando numas coisas — pego meu lápis e encaro a lição, fingindo pensar naquelas fórmulas malditas.

— Então tá bom — ele diz.

Antes que eu possa dar graças a Deus, ele continua:

— Sei que estar em uma nova escola é meio paia, mas pode falar comigo se precisar de algo.

— Tá, valeu — olho para o relógio, seríamos liberados em cinco minutos. — Ei, de manhã ouvi uns barulhos estranhos, é normal isso aqui?

— Ah, isso — o garoto parece surpreso — é a caixa de som quebrada da escola, está assim a maior cota e nunca consertaram, não sei por quê.

— Mas por que ela fica na escada desativada?

— Bem, antes de desativar a escada, a caixa servia para os anúncios da manhã, depois que fecharam o acesso, ela ficou meio inútil.

— Por que fecharam uma escada numa escola desse tamanho?

— Mano, tem vários boatos sobre isso, coisas mal-assombradas e tal — o sinal toca — mas relaxa, provavelmente algum casal foi pego fazendo algo e só decidiram fechar.

O dia passa tão rápido quanto aquela conversa. Durante uma aula com o monólogo interminável do professor decido mentir e vou ao banheiro matar tempo, qualquer coisa diria que apenas me perdi.

Assim que coloco os pés fora da sala, esbarro em alguém, as desculpas morrem na minha boca. Olhos sem vida me encaram, sou puxado para o começo daquela manhã. A mão da menina, fria demais para aquele dia abafado, agarra meu pulso, fincando suas unhas e cortando minha pele.

Meus pés se movem antes que o sangue comece a jorrar.

Passo por salas e mais salas, sentindo o calor do sangue no meu pulso, que faz uma trilha pelo corredor. Tropeço em algo e rolo escada abaixo, com minhas costelas gritando.

Quando meu corpo finalmente encontra o chão, tento levantar de súbito. Minha cabeça gira, moendo meu senso de urgência, olho em volta, grogue, sinto cheiro de mofo, e algo metálico, sinto minha cabeça quente, quente? Minha cabeça está sangrando.

De alguma forma aquela escadaria me achou. As lamúrias começam, sem tempo de reagir, os gritos consomem minha respiração, ficam mais altos e os ecos se formam.

Percebo que não estou sozinho, o vislumbre chama minha atenção, o mesmo vislumbre de luz, sinto meu pulso latejar.

A garota, agora de cabelo solto, está na mesma posição daquela manhã, mas agora, como se estivesse mais leve. Seu cabelo, antes claro, agora parecia manchado, ressecado pelo tempo, envelhecido pela atmosfera daquela podridão. As pontas rosas continuavam lá, entretanto haviam sido engolidas pelo vermelho, que parou de transbordar de seus olhos.

O uniforme branco havia desaparecido, a menina vestia algo parecido com uma camisola, na verdade, parecia apenas cortinas amarradas, rasgadas e remendadas. Aquele sangue não havia sumido, pelo contrário, parecia ter se espalhado, quase como se fosse controlado por aquela figura.

Sua boca se abre, mostrando aquele sorriso diário, o som agoniado cessa, aquele lugar, de alguma forma, parece congelar ainda mais. A menina se aproxima, os passos leves e limpos, sem rastros de todo o sangue que seu corpo trazia, de longe parecia um anjo, agora de perto, um demônio.

— Querido — sua voz era melodiosa, mas não como aquele bom humor conhecido, era além. A melodia era como uma agulha, que atravessa a pele e brinca com suas veias, apenas como divertimento. Seu olhar se fixa em meu pulso e ela lambe os beijos.

Aquela coisa se aproxima como uma raposa, esguia e feroz, desumana. Ela me olha de frente, ela está na minha frente, meu coração acelera, parece que vou vomitá-lo.

— É tão bom vê-lo de novo — ela diz, em meio às lágrimas, que dessa vez não são de sangue. — Venha, vamos mostrar o quanto sentimos sua falta. Ela estende a mão e percebo o mesmo corte em seu pulso. O som agonizando volta a preencher o ambiente, as lamúrias rasgam meus ouvidos. Porém, a agonia agora tem forma, não apenas uma tortura, mas um apelo. Um apelo de algo, de alguém perdido.

Antes que algo me impeça, agarro sua mão.



A ÚLTIMA
MEDALHA

Caio César

A última medalha

Caio Cesar Oliveira De Sousa

Abril, final de bimestre, ocorriam os Jogos Elementais. As torcidas nas arquibancadas estavam tão vibrantes que o chão tremia tanto quanto uma pista de Fórmula 1. A emoção estourava o teto; tudo parecia perfeito.

Até que a bola de handebol pareceu rasgar a defesa como um aríete contra os portões de um castelo em direção ao gol. O jogador, mesmo não estando em um ângulo favorável, arremessou a bola em direção ao gol, mas ela passou longe. Porém, por instinto, Ômega Regos, o goleiro, lançou-se para a direita, tentando uma última defesa, a última gota de esperança para o Água.

Nesse momento, a torcida se cala, porém não pelo arremesso que nem chegou perto do gol, nem pela defesa desnecessária, mas pelo vermelho que ficou no chão, um vermelho que não era do Fogo...

Regos parecia sem vida, pois, em vez de defender a bola, acertou a cabeça na trave. De imediato, seus colegas correram até seu corpo, que estava retorcido em uma posição nada natural, cercado de um vermelho mais vermelho que o sangue da mítica Fênix. Foi então que algo começou a brilhar na clavícula do goleiro, com uma intensidade quase impossível de encarar. Em seguida, o brilho escureceu, e em seu lugar apareceu a marca da medalha das Olimpíadas. Os olhos do goleiro se abrem num instante, uma aura sombria cobre a quadra e praticamente consome todos os presentes. O ar pesa; ninguém fala, ninguém se atreve a falar, muito menos a se mover.

Uma voz ecoa no ar, uma voz grave, com um tom intimidador, diz:

— Toneladas... Eu voltei... Meu reinado é eterno...



Após a última molécula vibrar no ar, um som muito alto, mais alto que um trovão, estoura na quadra. Os tímpanos daqueles que estavam próximos do corpo de Regos explodem sob tanta pressão.

O som estava atordoando todos na quadra.

Enquanto tentavam se recuperar, uma mão gigante surge da nuvem de aura, pegando violentamente os jogadores e esmagando os que tentaram resistir.

Professores gritavam para que todos corressem, mas o pânico já havia tomado conta do ginásio.

Dois pontos brilhantes acenderam na névoa escura enquanto todos corriam por suas vidas. A quadra, antes um lugar vibrante pelas vozes das torcidas, agora era palco de uma chacina, na qual todos gritavam de desespero.

Agora, eram jogos mortais.

As mãos multiplicavam-se conforme mais pobres almas sucumbiam aos seus destinos, que foram interrompidos. Não parecia existir saída; todas as rotas que pareciam levar para fora conduziam novamente à boca do diabo.

No centro da destruição, a figura escondida pela névoa parecia observar tudo com satisfação, como se estivesse executando uma vingança aguardada havia décadas.

Um fim trágico.

O teto desabava sobre o chão da quadra, pregando o último prego no caixão da escola, enquanto seus alunos eram massacrados por aquele ser conhecido apenas como "Toneladas".

Antes que a estrutura inteira viesse abaixo, a voz voltou a ecoar uma última vez:

— Vocês esqueceram meu nome... mas eu nunca esqueci o que fizeram comigo...

Eles mereceram sofrer... assim como fizeram comigo...

EU VIVEREI PARA SEMPRE.







O último ensaio

Nicolas Reis Custodio de Oliveira

O ano é 1992.

Andréia, Marcelo e Willian eram alunos do período noturno da escola.

Andréia era inteligente, estudiosa e dedicada. Marcelo ia para a escola por obrigação, fumava e bebia durante o período escolar. Já Willian era um aluno complicado, porém tinha um dom para a arte.

Eles formavam um grupo que iria apresentar uma peça teatral como trabalho de conclusão. O enredo era simples, inspirado em histórias infantis famosas.

Só queriam concluir o trabalho e ir embora da escola.

Em uma noite, às vésperas da apresentação, estavam repassando o texto da peça. Nesse dia específico, Daniel, o zelador da escola, estava presente no teatro para assistir ao ensaio. Ao fim da apresentação, eles voltaram para casa, e Daniel ficou lá para fechar a escola. A noite estava mais escura e sombria do que o normal, uma angústia consumia a cabeça e o corpo de Daniel, que assustado começou a acelerar seu trabalho. Fechava a última porta das salas quando ouviu passos no fim do corredor. Olhou para a direção do som ligeiramente, e viu um vulto. Muito assustado, correu para o teatro, pois a saída mais próxima era por lá.

A porta estava trancada. Quando o zelador olhou para trás, viu algo tão perturbador que era impossível descrever...

Daniel não voltou para casa e nem apareceu na escola. O último lugar em que foi visto foi o teatro da escola.

Nenhuma pista foi deixada.

O clima na escola mudou.

O que antes era feliz e animado, agora era triste e sombrio. Mesmo assim, eles precisavam ensaiar para a apresentação final, mas não sabiam que aquele seria o último ensaio.

Tudo corria normalmente.

Estavam aflitos com o desaparecimento de Daniel. Marcelo, que servia de alívio cômico do grupo, tentou melhorar o clima com piadas.

— Calma, gente, o Daniel deve ter dado uma sumidinha pra relaxar, imagina ter que trabalhar nessa escola há 20 anos tendo que ouvir adolescente chato, isso estressa qualquer um. — disse Marcelo enquanto ria.

Andréia e Willian não acharam engraçado e seguiram andando pela escola vazia na direção do teatro. Quando chegaram, algo inesperado os assustou: a porta estava trancada.

Mas quem a trancou?

Assim como aconteceu com o zelador, uma aflição os consumia, Marcelo, que antes ria, agora se encontrava assustado. As luzes estavam cada vez mais escuras, as paredes pareciam menores e um cheiro de morte surgiu no ar, aquele mesmo vulto apareceu e o que sobrou foram gritos.

Muitos gritos ecoaram pelos corredores da escola vazia.

Os três nunca mais apareceram.

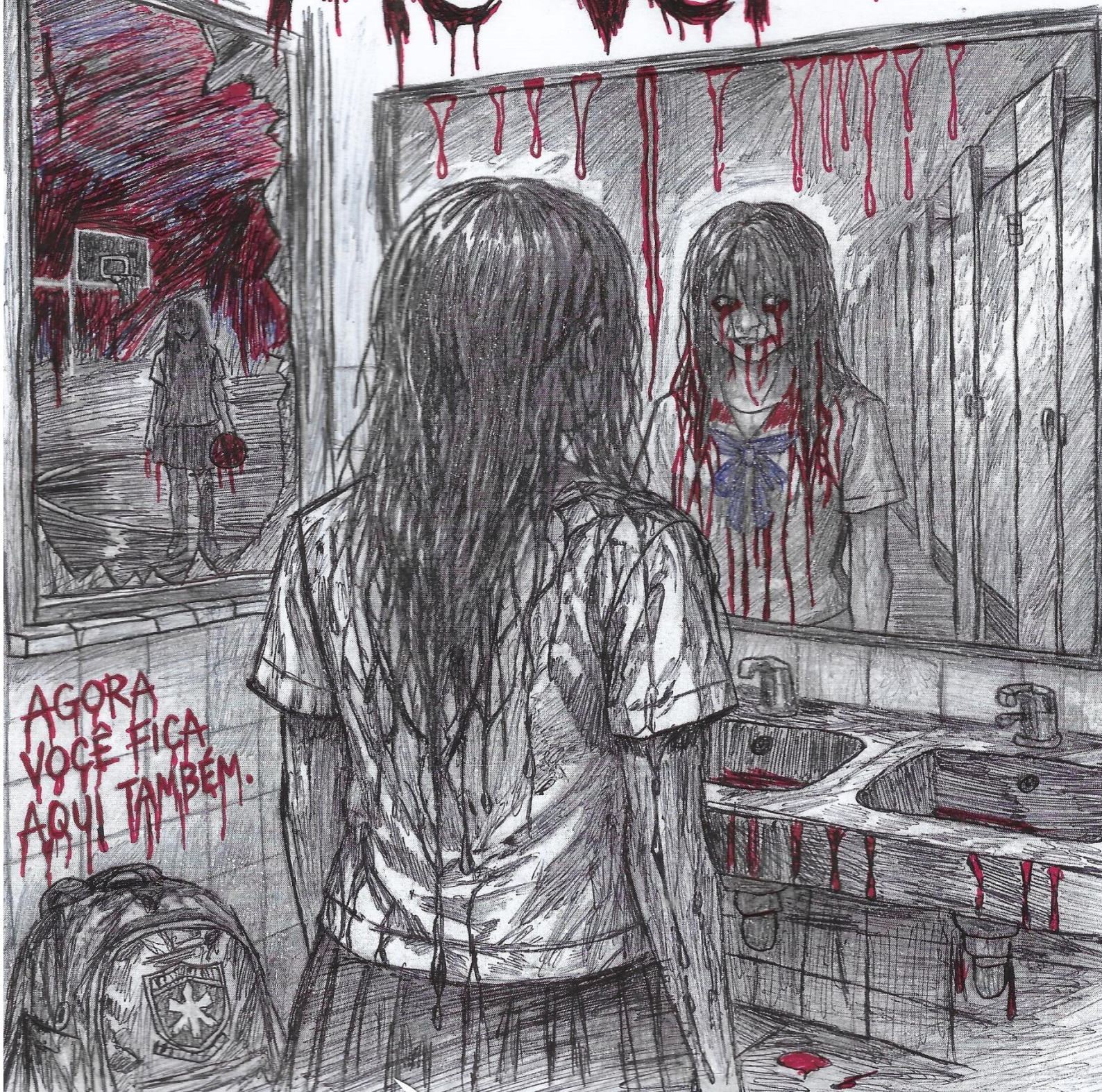
E o último lugar em que foram vistos?

O teatro da escola.



Você Consegue Me Ver

Laing



AGORA
VOCÊ FICA
AQUI TAMBÉM.

Você consegue me ver?

Laura Cannata Trevisan

Dizem que o vestiário feminino da escola foi construído em cima de uma quadra antiga, muito antes de reformarem tudo. Algumas alunas mais velhas juravam que uma estudante havia desaparecido ali durante uma tempestade muitos anos antes, mas ninguém sabia se a história era verdadeira.

As meninas sempre reclamavam que dava para ver o banheiro pelo vidro quebrado perto da quadra externa, mas ninguém fazia nada.

No começo era só desconfortável.

Risadinhas vindas lá de fora, sombras passando rápido... até que começaram os boatos.

Uma menina do terceiro ano jurava ter visto alguém, do lado de fora, olhando para ela através janelas do banheiro. O estranho era que já eram quase oito da noite e a quadra estava vazia. Quando ela contou para as amigas, disseram que devia ser o reflexo da luz.

Na semana seguinte, outra garota ouviu batidas na porta da cabine.

— Tem alguém aí? — Ela perguntou.

Silêncio.

As batidas continuaram. Três vezes. Lentas.

Ela abriu a porta achando que era brincadeira, mas o banheiro estava completamente vazio. Só que no espelho, atrás dela, aparecia uma menina parada perto da pia. Cabelo molhado. Uniforme antigo. Rosto pálido.

Quando ela se virou, não tinha ninguém.

Depois disso, começaram coisas estranhas: torneiras abrindo sozinhas, passos no corredor do vestiário quando não havia ninguém, e vultos observando pela abertura que dava para a quadra.

As meninas começaram a evitar o banheiro depois da educação física. Principalmente porque toda vez que escurecia, alguém aparecia do lado de fora olhando fixamente para dentro.

O pior aconteceu numa sexta-feira chuvosa.

Uma aluna ficou sozinha no vestiário guardando os materiais da aula. As outras já tinham ido embora havia vários minutos. O som da chuva abafava qualquer ruído vindo do restante da escola... Até que ela ouviu o barulho da bola quicando na quadra.

Tum.

Tum.

Tum.

Mesmo com a chuva forte.

Ela foi até a janela e viu uma garota parada no meio da quadra, segurando uma bola velha de basquete. O uniforme parecia rasgado e encharcado. A menina levantou a cabeça devagar... e sorriu.

Então apontou direto para o banheiro.

Na mesma hora, todas as portas das cabines começaram a bater sozinhas atrás dela.

Ela correu desesperada, mas, antes de sair, olhou para o espelho pela última vez.

E viu que a garota da quadra estava parada bem atrás dela, tão próxima que seus cabelos molhados quase tocavam seus ombros.

A menina congelou.

No espelho, a garota encharcada estava tão perto que dava para ver gotas de água escorrendo do cabelo dela até o chão do vestiário. Só que quando ela olhou para trás... não tinha ninguém.

O barulho das portas batendo parou na mesma hora.

Silêncio absoluto.

Até que veio um sussurro.

— Você consegue me ver...

A voz parecia sair de dentro das paredes.

Ela tentou correr, mas a porta principal do vestiário não abria.

Puxou uma vez.

Duas. Três.

Nada.

Como se alguém estivesse segurando a maçaneta do outro lado.

Então as luzes começaram a piscar.

Apagou.

Acendeu.

Apagou.

E toda vez que a luz voltava, a garota aparecia mais perto.

Primeiro perto das pias.

Depois no corredor das cabines.

Depois atrás dela.

A menina começou a chorar, desesperada. Pegou o celular para ligar para alguém, mas a câmera abriu sozinha. Na tela, apareceu a imagem do banheiro...

Primeiro ela viu apenas as pias. Depois percebeu que havia alguém observando pelas frestas das cabines. Então outra figura apareceu. E outra.

Havia várias meninas paradas dentro das cabines olhando para a câmera. Todas estavam imóveis. Todas pálidas.

E no meio delas estava a garota molhada sorrindo.

Logo depois, a tela do celular apagou. Quando ela ergueu os olhos, viu dezenas de reflexos da garota molhada ocupando todos os espelhos do vestiário.

Ela tentou gritar.
As luzes se apagaram pela última vez.
Então surgiu uma mensagem escrita sozinha:

“Agora você fica aqui também.”

Na segunda-feira, disseram que a aluna tinha ido embora mais cedo. Ninguém estranhou muito... até perceberem que a mochila dela ainda estava no vestiário feminino.

Desde então, as meninas evitam olhar para os espelhos daquele banheiro depois da aula de educação física.

Porque às vezes, no reflexo, aparece uma garota de uniforme molhado parada no fundo.
Esperando alguém olhar de volta para ela.



6
ESTACIONAMIENTO

Julia Angélica

O estacionamento

Julia Angélica

Oi, meu nome é Marta. Já faz um tempo que estudei na escola José Marques da Cruz, e preciso contar o que aconteceu lá. Aquela escada de lá não era normal. Havia algo sombrio, maligno. Cada canto da escola me dava arrepios indescritíveis. Eu vou contar sobre o meu maior medo: o estacionamento e suas árvores grandes.

Um dia eu estava terminando uma atividade do curso de Farmácia numa sala ao lado do estacionamento. Eu sentia calafrios, mas não sabia por quê. Continuei. Olhava às vezes para aquelas mesinhas de xadrez como se algo me chamasse. Vi um professor ir embora e derrubar algo no chão. Eu era muito curiosa, então desci até o estacionamento para pegar o que havia caído.

Ao chegar lá, me abaixei para pegar o pacote. Quando levantei, uma luz forte me atingiu e fui jogada para trás, batendo a cabeça.

Acordei no escuro total do estacionamento. O clima estava macabro, pesado. O ar ficou denso, difícil de respirar.

— Olá!? — gritei, olhando ao redor. Mas só havia o silêncio sombrio e o abraço frio da escuridão.

Levantei com dor de cabeça e comecei a caminhar devagar até a porta para voltar para dentro da escola. Andei pelos corredores vazios.

— Alguém aí!? O que está acontecendo...? — reclamei, sentindo cada grito meu latejar na cabeça.

Então escutei passos atrás de mim.

Senti meu coração gelar. Meu corpo se arrepiou por inteiro. De repente, algo puxou minha perna com uma velocidade inexplicável. Bati o rosto no chão.

— AH! — Eu me debatia enquanto aquilo me arrastava pelos corredores. Gritos agonizantes soavam no meu ouvido, altos, como se viessem de dentro das paredes.

Fui solta na sala de Farmácia. Me jogaram no balcão de inox como um sapo numa bandeja fria. Eu não conseguia me soltar. Meus braços e pernas pareciam colados ao metal gelado. Os quadros na parede se mexiam. Os rostos nas fotos de ex-alunos abriam as bocas em silêncio, gritando sem som.

O cheiro de formol ficou insuportável. A porta do armário de vidro se abriu sozinha e frascos começaram a cair e estourar no chão, mas não faziam barulho. Era como se o som tivesse sido sugado dali.

Uma sombra se ergueu do canto da sala. Não tinha forma certa. Era alta, e parecia feita dos galhos retorcidos daquelas árvores do estacionamento. Ela não andava. Deslizava. Quando chegou perto, o frio queimou minha pele.

Ela não falou. Mas eu ouvi. A voz não vinha de fora. Vinha de dentro da minha cabeça, arranhando:

“Curiosa. Você voltou. Todas voltam pra árvore.”

Tentei gritar, mas minha voz sumiu.

A sombra estendeu algo que parecia um dedo, longo e preto, e tocou minha testa, bem onde eu tinha batido. A dor explodiu. E junto com ela, vieram imagens: outros alunos, outros jalecos, todos no mesmo balcão. Todos curiosos demais. Todos que olharam para as mesinhas de xadrez.

A luz do estacionamento não era luz. Era o reflexo do vidro de um quadro. O quadro da primeira turma de Farmácia, de 1980. No canto da foto, uma aluna sorria. Ela estava sentada numa daquelas mesinhas, com um pacote igual ao que eu peguei na mão. Atrás dela, entre as árvores, a mesma sombra me olhava.

“A árvore cobra um. Sempre cobrou”, a voz sussurrou de novo. “Você derrubou. Agora é seu.”

As portas da sala trancaram-se com um estrondo. As luzes fluorescentes piscaram e queimaram, uma por uma. Na última fração de segundo, antes do breu total, vi meu reflexo no balcão de inox. Eu não estava sozinha. Atrás de mim, a aluna da foto de 1980 sorria. E ela usava meu rosto.

Depois disso, só me lembro do gosto de ferro na boca e do barulho de xadrez.

Peças se movendo sozinhas no pátio lá fora. Xeque-mate.

Dizem que me encontraram na manhã seguinte, dormindo no balcão, com febre e o pacote intacto na mão. Nunca abri. O professor disse que não perdeu nada. A escola pintou as paredes, cortou a árvore maior.

Mas à noite, se você passar pelo estacionamento da José Marques da Cruz, vai ver as mesinhas de xadrez.

Sempre tem um jogo inacabado.

Eu ainda escuto. Toda vez que fecho os olhos, escuto os passos atrás de mim no corredor. E sei que, uma hora, a árvore vai me chamar de novo para terminar a partida.



O LEGADO
DE ERICK

Sarah Turchetto

O legado de Erick

Sarah Turchetto Telles Da Silva

Diz a lenda que, entre as quadras e a escada da escola, um menino morreu após o último jogo das Olimpíadas Elementais. No ano de 2018, Erick estava finalizando seu terceiro ano e estava ansioso para seu último jogo de handebol pelo elemento dele.

Erick se esforçava demais todos os dias para poder deixar seu legado na escola após sair. Faltando um mês para a decisão final de quem seria o campeão das Olimpíadas, ele começou a treinar todos os dias. Mesmo sendo do técnico, tinha liberação para descer no intervalo do propedêutico para treinar, e no do técnico ele repetia o mesmo treino. Com todo esse esforço, muitos alunos o admiravam demais.

Se passou um mês e o grande dia chegou. Todos os alunos chegaram à escola alegres e foram mandados para a quadra, onde os professores organizaram as torcidas. Naquele ano, os elementos aliados eram: Fogo e Terra, Água e Ar.

Nos primeiros jogos, Fogo e Terra estavam saindo à frente. Alguns alunos ficaram bravos, mas outros estavam felizes. No intervalo, a quadra ficou aberta para os alunos. Eu, como não estava com fome, fui treinar antes do jogo. Eu estava tendo sensações ruins, mas ignorei e voltei para o meu foco.

Depois de uma hora de intervalo, os alunos voltaram à quadra e aqueles que iriam jogar handebol já foram se preparar. Seria um jogo bem disputado, afinal eram dois elementos muito fortes. Fogo tinha seus melhores jogadores, tanto os principais quanto os reservas, já o Ar não tinha muitos bons, mas tinha aqueles que poderiam salvar o time.

Eu entrei como principal. Começamos o jogo e já saímos à frente. A torcida do meu elemento gritava e torcia demais. Depois de uma hora de jogo, o Fogo ganhou, e só faltaria mais um jogo para sabermos quem iria levantar a taça daquele ano.

Boatos rolavam de que o assassino de Daniel estaria ali, e que ele estava à procura de outro corpo para fazer o que tinha feito com o do zelador. Há alguns anos, o corpo dele tinha sido achado cheio de lesões, como cortes pelo corpo, boca machucada, dedos arrancados e pé amputado. Foi uma morte grave, e depois daquele dia nunca mais tinha acontecido algo igual.

Só que ninguém imaginava que naquela tarde eu seria a próxima vítima. Meu legado seria levado, meu nome iria ficar marcado, mas de uma forma brutal.

As jogadoras de futsal entraram em campo contra o Água, e também foi um ótimo jogo para o Fogo. Encerraram os jogos e os professores foram fazer a contagem de pontos. Minutos depois, eles pediram para as torcidas ficarem em posição.

O professor de Educação Física, Felliipe, disse:

— As Olimpíadas Elementais são um sinal de alegria, de junção entre elementos e até mesmo de alunos do Jomacruz. Este ano estamos encerrando nossa oitava edição, que foi muito disputada. Faz um ano que o nosso grande aluno partiu. Ele foi uma inspiração para todos os alunos, e seu legado nunca foi esquecido. Ao contrário, todos os alunos que entram aqui depois da sua morte fazem questão de repassar seus ensinamentos. O elemento dele sempre lembra tudo o que ele fez pelo Terra. Ele foi um menino iluminado nessa escola. Onde ele passava, encantava as pessoas. Mas, seguindo, o elemento vencedor da nossa oitava edição é... FOGO.

Foi aí que a torcida levantou o maior grito. Foi a maior festa que eu já vi. Eu realmente consegui deixar meu legado lá.

Quando estava comemorando, um menino totalmente estranho chegou a mim e pediu para eu ir até a escada que separava as quadras. Chegando lá, estava sem claridade, de repente minha respiração ficou ruim e eu caí no chão, pálido, sem conseguir respirar.

E foi aí que o assassino agiu novamente. Eu fui a segunda vítima dele. Quando notaram minha demora, foram atrás de mim e me viram já sem respiração, todo machucado.

É... meu legado foi feito no Jomacruz, mas infelizmente não da forma que eu queria.

Depois que interditaram a quadra e meu corpo foi levado até o necrotério, ele foi preparado para o enterro no dia seguinte. Todos da escola foram ao meu velório, e até mesmo o assassino estava lá. Ninguém sabia quem era, apenas o menino que havia me chamado para ir até a escada entre as quadras.

Um ano após minha morte, na abertura das Olimpíadas, fizeram uma homenagem para mim e Daniel. Depois dessas duas mortes, nunca mais deixaram a escola sem policiais, porque ninguém sabia quando o assassino iria agir novamente.

E FOI ASSIM QUE O LEGADO DE ERICK E DANIEL FOI FEITO NO JOMACRUZ.



The background of the cover is a detailed illustration of an open wooden door. The door is made of dark wood with a traditional panel design and a metal handle. It is set into a wall of cracked, aged plaster. The floor is also made of dark wood planks. The lighting is dramatic, coming from the left, casting shadows and highlighting the textures of the wood and the cracks in the wall.

QUERIDO DIÁRIO

Catherine P. Berbery

Querido Diário

Catherine Pellicer Berbery

Este diário pertence a: Leonardo

21 de fevereiro de 2018

Quarta-feira

Hoje foi um dos primeiros dias de aula na escola, acabei de entrar no Ensino Médio, e eu não esperava que o lugar fosse tão grande.

Não fizemos muitas coisas, mas senti que o dia foi terrível.

Passei o dia sozinho e não consegui me enturmar. Eu disse para minha mãe que não queria ficar em uma escola de período integral, mas ela não quis saber, acho que agora não tem jeito, né?

Espero que os dias lá não sejam tão ruins quanto foram dessa vez...

28 de fevereiro de 2018

Terça-feira

Já se passaram alguns dias desde o 1º dia de aula, e eu tenho conseguido me enturmar mais, tanto que acabei conhecendo um menino chamado Vitor... Ele parece estranhamente familiar, mas parece ser alguém legal, será que ele gostaria de ser meu amigo?

15 de março de 2018

Sexta-feira

O Vitor começou a realmente sentar comigo e ser meu amigo, a gente parece uma dupla de estranhos, sinceramente, e acho que a maioria dos professores não suporta a gente, mas ele é engraçado e a gente fica jogando juntos na aula, e eu não consigo não rir.

Porém, a verdade é que eu também me preocupo com como as minhas notas estão, será que tudo bem continuar assim?

21 de março de 2018

Quinta-feira

As provas estão bem perto de chegar, e eu não tô ligando muito, pra ser honesto, mas o Vitor parece preocupado, será que ele vai ficar longe por um tempo por conta dos estudos? Eu não duvidaria, ele parece vir de uma família um pouco rígida.

10 de abril de 2018

Quarta-feira

O provão passou e eu fui um dos melhores alunos em matemática, e eu nem esperava isso, e agora eu também estou sendo destaque em outras matérias, o Vitor ficou impressionado e eu disse que não fiz muita coisa, mas ele parece surpreso demais, será que eu passo a impressão de quem não sabe o conteúdo? Não que importe também...

15 de abril de 2018

Segunda-feira

O Vitor começou a me perguntar como que eu coleí para tirar essas notas boas, e eu simplesmente só disse que eu fiz por mérito meu, e ele não parecia acreditar.

Ele achou engraçado e disse que eu só não queria falar, mas ele que não queria acreditar que eu fiz por conta própria.

Ainda assim, essa semana vai ter as olimpíadas de matemática, e eu acabei passando por conta da prova, e então vou ter que fazer, é um saco sinceramente.

23 de abril de 2018

As Olimpíadas finalmente foram divulgadas e eu também fiquei surpreso, eu consegui a medalha de ouro na escola, e todo mundo ficou impressionado também.

Mas acho que pelo visto ninguém acredita no que eu fiz, e então as pessoas só acham engraçado, acho que sou motivo de piada.

Em compensação, todos os professores parecem orgulhosos de mim, estou começando a melhorar, talvez seja algo bom, não é?

O Vitor faltou na escola ontem, e ele também não está acreditando nessa notícia.

1 de maio de 2018

Quarta-feira

Hoje não tem aula, mas eu saí com o Vitor, e a gente ficou falando mal de um monte de gente, e ele comentou então de uma menina da sala, ela entrou recentemente, e ela se chama Mia, e a meu ver, ela é meio barulhenta, e eu não gosto muito dela, mas o Vitor disse que ela é realmente inteligente e muito boa nas matérias, mas que ela ficou abaixo de mim nas notas, e eu nem liguei muito.

A gente tomou sorvete nesse dia, mas estavam 15 graus lá fora, a gente é muito idiota.

11 de maio de 2018

Quinta-feira

Hoje eu tive a primeira interação com a Mia, já que a professora de física nos separou os grupos, e ela ficou no meu grupo, o Vitor na verdade conversou bastante com ela, mas ela não disse

muita coisa pra mim, mas parece ser o jeito dela mesmo, estou até surpreso que alguém fechado como Vitor conseguiu conversar mais do que eu.

19 de maio de 2018

Sexta-feira

O Vitor tá faltando bastante na escola, faz uns 3 dias já, e eu percebi o quão sozinho eu fico quando ele não está, e eu até me sinto meio observado, é estranho pra caramba, eu espero que seja só impressão.

Ainda assim, os dias têm sido repetitivos novamente, e eu não sei se gosto da escola ou não, só me deixa mais cansado a cada dia.

...

12 de junho de 2018

Quarta-feira

Por um tempo, perdi a vontade de escrever, e faz um mês que eu não escrevo nada aqui... Mas é porque não tem mais nada sobre o que escrever, além de que Vitor e Mia começaram a se aproximar, e parece que agora ele não quer mais ficar perto de mim.

Isso faz uma semana já, achei que o Vitor se importava comigo.

20 de junho de 2018

Quinta-feira

Fazia tempo que ninguém me batia, e hoje foi diferente. Mia e alguns colegas dela se juntaram na saída da escola para me bater, e eu nunca pensei que eu seria alvo de alguém que eu nem converso.

Eu voltei para casa com alguns machucados, mas eu não quis comentar nada com a minha mãe, nem com ninguém, fiquei apenas quieto.

24 de junho de 2018

Segunda-feira

Vitor não fala mais comigo, e ele também faz piadas sobre mim agora.

25 de junho de 2018

Terça-feira

Mia e Vitor ficaram fazendo brincadeiras sem graça comigo, mas eu não podia fazer nada.

26 de junho de 2018

Quarta-feira

Os professores veem o que acontece, mas eles não me levam a sério, e eu não sei o porquê eles permitem isso.

27 de junho de 2018

Quinta-feira

Não quero ir pra escola.

1 de julho de 2018

Segunda-feira

Hoje foi o último dia de aula, agora serão as férias, e eu nunca desejei tanto para que esse dia chegasse, eu realmente só quero ficar sozinho.

Eu perdi o único amigo que eu tinha, eu perdi, ele simplesmente me trocou como se eu não valesse nada.

Isso é por conta das notas, da inveja? Alguém pode ser tão ignorante ao ponto de trocar alguém só por suas notas?

Eu achei que ele era meu amigo.

Será que amanhã, meus dias começam a ser melhores?

Eu só vou uma última vez na escola para buscar o resultado das notas, e depois eu finalmente vou ter paz...



The background of the cover is a dark, atmospheric illustration. It depicts an open, heavy wooden door set into a wall of cracked, peeling plaster. The door is slightly ajar, revealing a dark, empty interior space. The lighting is dramatic, with strong shadows and highlights that emphasize the textures of the wood and the cracks in the wall. A small, white, rectangular piece of paper is pinned to the wall just inside the doorway.

O CORPO ESQUECIDO

Sophia Santos

O corpo esquecido

Sophia Santos de Souza

Leonardo volta para casa com o olho roxo, seus passos são lentos e pesados, parece que o caminho que sempre faz está cada vez mais distante. Caminha com a pouca força que lhe resta no meio daquele frio congelante, poderia se aquecer se não fosse seu casaco encharcado de água sanitária que levava nas mãos.

— Filho? Por que não está agasalhado?! — pergunta sua mãe ao ouvir a porta ranger.

Leonardo suspira com um pouco de esforço antes de responder

— Não está tão frio assim.

O garoto se apoia no corrimão da escada e sobe rapidamente antes que ela falasse mais alguma coisa.

Assim que chega ao seu quarto, se depara com a bagunça pelo chão e na escrivaninha, vem tentando criar coragem para limpar tudo aquilo há mais ou menos duas semanas. Após jogar sua mochila em qualquer lugar, sua atenção se volta ao seu reflexo no espelho ao lado do guarda-roupa. “Que desprezível”, ele pensa quando vê os hematomas em seu rosto.

Toca sua bochecha ardente, quando ouve uma notificação em seu celular.

“Boa tarde Leonardo, notificamos seus responsáveis que você precisará fazer uma avaliação de recuperação. Comparecer à sala 1, amanhã às 16:00”.

O garoto dá um longo suspiro e joga o telefone por cima da cama.

Na manhã seguinte, enquanto caminha até a escola, um grupo de adolescentes se aproxima. Léo espera que eles apenas passem reto por ele, mas isso nunca aconteceria.

— Ei, esquisito.

Seus passos aceleram ao ouvir a irritante voz do garoto que o incomodava todos os dias.

— Eu tô falando com você, desgraçado!

Leonardo até tenta escapar daquele grupo, mas é encurralado contra a parede por outro menino mais alto.

— Fiquei sabendo que alguns otários contaram para a diretora que viram a gente descendo o cacete em você. Cê tá querendo morrer?

Leonardo engole em seco enquanto o garoto de boné verde chega cada vez mais perto, como se quisesse esmagá-lo.

— São seus amigos, é? — Outro de jaqueta de couro caçoa

— Eu não tenho nada a ver com isso, me deixem em paz! — Léo grita antes de afastá-lo.

Os garotos se olham antes de encarar Léo com ódio.

— Você tá ferrado hoje, nem adianta chorar pra ninguém, seu desgraçado.

Léo observa o grupo se afastar. Já está farto daquilo.

Depois de sair da prova de recuperação, percebe um clima de festa em sua escola, em comemoração ao último dia de aula antes das férias do meio do ano. Todos pareciam felizes, mas ele sente um aperto em seu peito, como se algo se aproximasse e lentamente o sufocasse.

Nesse momento, sentiu um aperto extremamente forte em seu ombro.

— Achou que ia embora, esquisito? — O garoto de boné o encara profundamente, ansioso pelo que fariam.

— Me larga, eu juro que não falei nada pra ninguém! — Léo tenta se esquivar a todo custo, mas a diferença de força não o ajuda.

— Você acha que eu sou burro?! — diz enquanto puxa Leonardo para um corredor vazio.

O coração de Leonardo acelera cada vez mais, seu corpo inteiro treme e seus dedos já estão encharcados de tanto suor. Foi quando, em um momento de distração do outro garoto, Léo consegue fugir rapidamente dali, esbarrando em quem quer que estivesse em sua frente e quase caindo das escadas.

Assim que para embaixo da escada interditada, percebe que não há ninguém ali, estava seguro.

Pobre Léo.

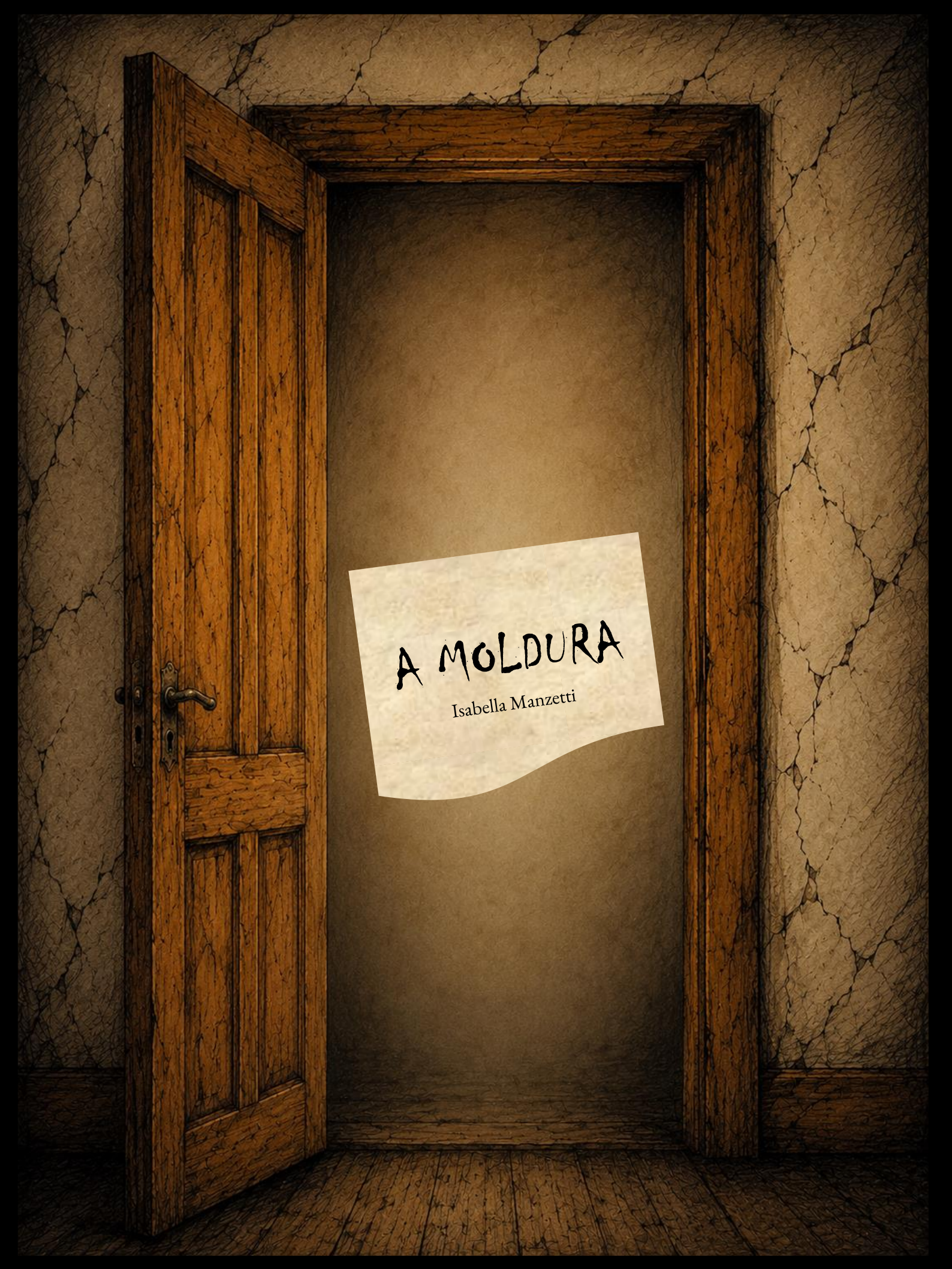
— Você vai aprender a não tratar a gente do jeito que quer, nerdzinho de merda. — o menino de jaqueta se aproximava com passos pesados enquanto cerrava os punhos.

Os outros o acompanhavam logo atrás, sedentos por violência, sedentos para amassar o esquisitão na porrada.

Léo queria ter corrido, queria ter força o suficiente para revidar os socos... ou pelo menos para continuar de pé. A cada golpe que sentia afundar seu rosto, lembrava das medalhas das Olimpíadas de matemática, dos elogios, da faculdade que sonhava entrar, e por fim, se lembrou dos olhares de ódio e inveja que o perseguiam por todos os lugares.

— Me deixe ir... — Ele sussurrou, como se implorasse para falar pela última vez.





A MOLDURA

Isabella Manzetti

A moldura

Isabella Pereira Manzetti

Raul era um aluno novo na escola José Marques da Cruz, por ter entrado durante o meio do ano letivo, não havia feito tantos amigos. Ele se juntou à turma do primeiro ano. Entrou, porém, em uma sala que não tinha uma fama muito boa, o que acabava por tornar a sua relação com os colegas mais complexa.

Durante um intervalo qualquer, Raul avistou um garoto sozinho, parecendo ser ignorado por todos ao seu redor. Por ter se visto naquele jovem, ele decidiu ir em sua direção para lhe fazer companhia, porém a cada passo que dava, um arrepio percorria sua espinha, um frio inexplicável o perseguia. Ele parou diante do garoto, mas o jovem pareceu não ter notado que Raul se dirigia a ele.

— Olá? — disse Raul apreensivo, ele coçou a nuca com vergonha e olhou ao redor, estranhando algumas pessoas que o olhavam de maneira julgadora. Entretanto, decidiu voltar sua atenção novamente ao rapaz, que agora o observava diretamente nos olhos, como se tivesse encontrado algo que havia perdido há muito tempo. Havia tristeza naquele olhar, mas também um estranho alívio. Mas antes que pudesse receber uma resposta, o sinal tocou, e em um piscar de olhos o garoto sumiu como se nunca tivesse estado naquele lugar.

As semanas foram correndo normalmente. Raul avistava o rapaz diversas vezes, mas sempre sozinho. Em um dia, quando foi encarregado de ajudar a esvaziar uma sala repleta de coisas antigas, ele avistou uma moldura. Com a curiosidade falando mais forte, decidiu dar uma olhada.

Era ele, o garoto que nada falava, seu nome estava lá, Leonardo. Na moldura havia uma foto dele com uma medalha de ouro, Raul presumiu que ele fosse um grande fã de matemática já que a medalha parecia ser de uma olimpíada. O mais estranho era que a fotografia parecia antiga demais para alguém que ele via todos os dias pelos corredores. Com o que havia descoberto martelando em sua mente, ele decidiu ir atrás de Leonardo e tentar mais uma vez trocar palavras com ele. Como de costume, ele estaria sentado em frente à porta do espaço de convivência de sua escola. Raul se viu ansioso pela conversa.

Quando o sinal do intervalo tocou, Raul saiu disparado pelas escadas em direção ao pátio procurando Leonardo e, como era esperado, ele estava lá, mas havia algo de diferente no ar dessa vez.

— Ei, seu nome é Leonardo, certo?

Mas novamente não houve resposta, Leonardo se virou para Raul, com o mesmo olhar da primeira vez, só que com um toque de súplica, como se ele quisesse contar algo, mas que não pudesse.

— Está tudo bem? — perguntou Raul apreensivo. Todo aquele silêncio que vinha de Leonardo causava desconforto, como se ele pudesse sentir que havia algo errado, mas não soubesse o que.

Léo virou-se para a porta do espaço de convivência, que estava destrancada, então ele adentrou e, em seguida, fez um sinal com as mãos para Raul segui-lo. O jovem atendeu ao chamado e os dois andaram com Leo o guiando para o fundo do espaço que era coberto por folhagens. Eles pararam em frente a uma parede que continha uma janela entreaberta com seus vidros quebrados.

Nesse momento, Raul pegou seu celular e ligou sua lanterna com esperanças de conseguir enxergar algo lá dentro, enquanto Leo observava tudo em silêncio. Mesmo tendo dificuldade para identificar o que se encontrava lá, Raul avistou algo refletindo a luz de seu celular, algo que parecia uma medalha.

— Ué, por que largariam uma coisa dessas aqui dentro?

Ele virou para trás e viu Leonardo saindo do espaço, então se recompôs e se apressou para alcançá-lo. Em um ritmo acelerado, os dois finalmente se viram em frente a uma pequena porta debaixo da escada desativada. Uma quantidade enorme de entulho se acumulava na frente, tornando a passagem quase impossível, mas o desespero de Leo falava mais forte que os obstáculos à sua frente. Com dificuldades para adentrar pelo espaço, eles finalmente conseguiram alcançar a pequena porta.

Ao entrarem, a escuridão tomou a visão deles. Novamente Raul buscou pelo seu celular para conseguir enxergar alguma coisa no local. Leonardo seguia em silêncio, o tempo todo. Ao seguirem mais fundo, Raul esbarrou em algo, nem tão macio, nem tão duro; a luz da lanterna seguiu para o local do impacto.

— Mas o que...

Uma perna desgastada, tecido rasgado, um corpo maltratado e abandonado. Uma pessoa em estado de decomposição avançada. O cheiro era insuportável, uma forma esquelética quase por completo, as larvas presentes se deleitavam com tal banquete que lhes restava.

Raul recuou imediatamente, levando a mão à boca. Seu estômago embrulhou e suas pernas quase cederam. Por alguns segundos, ele apenas encarou aquela cena, incapaz de compreender o que estava vendo.

— LEONARDO, ME AJUDA, PRECISAMOS CHAMAR ALGUÉM E...

Leonardo olhava tudo, seus olhos marejados e seus braços apertados em volta de si mesmo, como um abraço necessitado, desesperado, abandonado...

Raul tinha sua visão turva, a respiração desregulada e seus batimentos cardíacos no auge, mas ele não poderia deixar que o desespero e o medo os paralisassem.

— Leonardo, me escuta, nós precisamos ir atrás de alguém

Ele tentou apoiar uma mão no ombro de Leo, mas para a sua surpresa, não sentiu o toque.

— Como?

Mais uma vez repetiu o gesto, porém a mão dessa vez atravessa a figura em sua frente.

Leo apontou para o corpo no chão, Raul seguiu com o olhar o local indicado, a mão do cadáver segurava algo. Com um movimento rápido, Raul retirou uma foto que era segurada como se fosse a última coisa que importasse para quem a guardava. Seus olhos se arregalaram ao ver a pessoa presente na imagem: Leonardo, no meio de dois outros jovens; no verso havia uma data,

26/04/2018, muitos anos atrás; o corpo estava lá há um tempo, no escuro, esquecido, apagado, como se nunca tivesse sequer existido em algum momento.

Raul sentiu seus olhos ardendo, uma coisa refletia fortemente no seu campo de visão, a medalha de ouro, a mesma que viu na moldura presente na sala lotada de itens velhos. Não lhe restavam dúvidas, aquele corpo era do Leonardo.

— Como isso é possível? E-eu tô te vendo, você vem pra cá todos os dias, você...

Entretanto, Leo parecia estar alheio ao que ouvia, ele se ajoelhou diante do próprio corpo, sua mão acariciando delicadamente o que era seu rosto; Raul se ajoelha próximo, sem acreditar no que estava acontecendo.

— Obrigado por ter me enxergado, Raul. — Leonardo falou pela primeira vez, com uma voz embargada. — Eu estava preso aqui há tanto tempo que já tinha começado a acreditar que ninguém nunca me encontraria. Mas agora sabendo que finalmente posso ter um lugar digno e trazer uma resposta para minha família, me sinto aliviado.

— Eu não consigo processar isso direito — diz Raul — eu não consigo nem imaginar o quanto você deve ter sofrido sozinho em um lugar como esse...

— Nem eu conseguia processar, mas creio que finalmente chegou a hora de aceitar. Por favor, faça com que me levem a um lugar confortável.

Raul, em uma tentativa falha, tentou abraçar o que seria a alma de Leonardo, mesmo não tendo um resultado efetivo, a sensação de acolhimento e reconforto que isso proporcionou foi real.

Pela primeira vez desde que o conhecera, Leonardo sorriu de verdade.

Então, novamente em um piscar de olhos, ele sumiu...

Após o ocorrido, Raul correu atrás de ajuda. As autoridades foram acionadas, e os restos mortais de Leonardo foram levados para identificação e sepultamento. As aulas foram suspensas por uma semana.

A notícia abalou toda a escola. Professores e alunos passaram dias comentando como ninguém havia percebido o desaparecimento do garoto durante tanto tempo.

Durante esse período, os pais de Leo entraram em contato com Raul e lhe agradeceram imensamente por finalmente poderem proporcionar um enterro digno ao filho desaparecido havia um ano.

No dia em que voltou às aulas, Raul passou pelo pátio e, pela primeira vez, não encontrou Leonardo sentado sozinho perto da porta do espaço de convivência.

Mesmo não o tendo conhecido em vida, Raul o levaria para sempre como alguém especial em sua vida.



CHOQUE
HIPOVOLÊMICO

Lucas Hideki

Choque hipovolêmico

Lucas Hideki Awoki Pereira

É fato que, na escola José Marques, todos os estudantes temem a área externa da quadra, que fica ao ar livre. Os alunos especulam e inventam rumores, porém apenas eu sei a verdade do ocorrido naquele lugar. Eu era um aluno como qualquer outro da escola; meu diferencial surgiu no momento em que me tornei vítima de um homem sádico.

Certo dia, após uma aula de educação física, me encontrei em uma quadra vazia. Meus colegas de classe saíam apressados do local para almoçar; eu até fazia parte dessa “manada”. Entretanto, me recordei de uma bola que havia deixado na quadra externa. Eu me desesperei, pois não queria ser o motivo de minha turma ficar sem quadra. Imagine que inconveniente seria perder uma aula de educação física, ficando na sala enquanto eu poderia estar jogando; além disso, meus colegas ficariam extremamente irritados comigo.

Dirigi-me à quadra externa para pegar a bola e levá-la ao professor. No momento em que me agachei para pegá-la, senti um sussurro quente no meu pescoço:

— Você não deveria ter vindo para este lugar.

Assim, sem tempo para reagir, fui atingido por uma coronhada na cabeça, desmaiando no mesmo instante.

Acordei desnortado, com a visão turva e dor de cabeça intensa. Logo, um cheiro insuportável de podridão impregnou meu nariz; em seguida, vomitei, percebendo que estava preso em correntes.

Minha visão eventualmente se estabilizou.

Me vi em um cativeiro, um espaço pequeno com apenas um cômodo, tudo parecia velho, inclusive as correntes. Ao meu lado, havia uma pilha de cadáveres em estado avançado de decomposição, com vermes entre eles e mosquitos sobrevoando o ambiente, reforçando o cheiro insuportável. Perguntei a mim mesmo: “Há quanto tempo esses corpos estão aqui? E, principalmente, como vim parar nessa situação? Preciso sair vivo daqui.” Em uma tentativa desesperada, debati-me contra as correntes, gritei, implorei, esperneei por ajuda, mas ninguém veio ao meu resgate.

Depois de um tempo, exausto, parei de me debater. No mesmo instante, a porta do cubículo se abriu e um homem de vestes pretas entrou. Ele era grande, não apenas de altura, mas também de corpo. Disse:

— Parou de gritar por quê? Eu estava gostando.

Retruquei, gritando por ajuda, porém, querendo ouvir mais gritos, o homem puxou uma faca e disse:

— Agora você vai começar a gritar de verdade.

Ele se aproximou e começou a rasgar minha perna lentamente, como se estivesse cortando um bife. Em seguida, cravou a faca em minha perna e passou a girá-la, se divertindo com minha dor.

Acorrentado e incapaz de me defender, em um impulso desesperado, cuspi no rosto do homem.

Irritado, ele me deu um tapa forte, largando a faca ainda cravada em minha perna e se afastando em seguida para buscar algo.

Tentei desesperadamente me soltar das correntes, já sem sentir ou mover minha perna. Ele voltou com uma tesoura grande e enferrujada. Ainda tentei lutar pela minha vida, me debatendo contra as correntes. O homem, sorrindo e apreciando minha dor, começou a cortar os dedos da minha mão esquerda, um por um, iniciando pelo indicador.

Quando chegou ao meu dedo mindinho, o cheiro de podridão voltou a invadir minhas narinas e, tomado pela dor e pelo enjoo, vomitei novamente, desta vez no rosto do homem, prejudicando sua visão.

Como a corrente estava velha, acabou se rompendo. Então, rapidamente, peguei a faca cravada em minha perna e perfurei a garganta dele, me salvando de um destino cruel.

Agora me encontro sozinho em um cubículo cheio de corpos em decomposição. Utilizo minhas últimas forças para tentar me soltar, mas sem sucesso. Sentindo o sangue se esvaindo, temo morrer por hemorragia. Percebo que meu corpo não será encontrado facilmente e serei considerado desaparecido. Talvez seja melhor que ninguém saiba o quão cruel foi minha morte. Como último pensamento, me arrependi de ter ido à quadra externa.



The background of the cover is a detailed illustration of an open wooden door. The door is made of dark wood with a traditional panel design and a metal handle. It is set into a wall of cracked, aged plaster. The floor is also made of dark wood planks. The lighting is dramatic, coming from the left, casting shadows and highlighting the textures of the wood and the cracks in the wall.

DEPOIS DO ÚLTIMO SINAL

Anna Clara Nunes

Depois do último sinal

Anna Clara Nunes Pinto

Todo mundo fala muito bem da quadra da Escola Jomacruz, mas ninguém fala direito da salinha que fica no cantinho dela, a “sala de educação física”. Se você nunca entrou lá, já lhe adianto: não tem nada de chique.

Era um cubículo de bloco sem reboco, com uma porta de madeira velha que rangia igual filme de terror. Por dentro, o cheiro era uma mistura de mofo, tênis suado e aquele desinfetante que a tia da limpeza jurava que resolvia tudo. Nas paredes, a tinta estava toda desgastada por causa dos anos sem pintá-la; algumas das janelas perto do teto estavam quebradas, outras rachadas. Tudo isso dava um ar tão tenso para aquela sala!

Aconteceu em 2017. Eu estava no 1º ano. O professor sempre falava: “Quando bater o último sinal, ninguém fica na quadra. Principalmente perto da sala.” A gente ria. Achava que era para ninguém roubar bola.

Até que a Ana esqueceu o casaco lá dentro depois do treino de vôlei. Voltou sozinha, já eram 17h40. A escola quase vazia. Ela jurou que a porta estava entreaberta, mesmo sabendo que o professor tranca tudo.

No outro dia, a Ana contou para a gente, branca igual a um papel que, quando ela empurrou a porta, o rangido foi diferente. Não foi o “nheeeec” normal; foi longo, como se alguém estivesse puxando do lado de dentro. Lá dentro, o armário de ferro estava aberto e no fundo dele havia uma frase escrita de um jeito todo macabro:

“QUEM SAI POR ÚLTIMO, FICA.”

O pior não foi isso. Foi o barulho.

Toc. Toc. Toc. Vinha de dentro do armário fechado ao lado do riscado. Como se alguém estivesse batendo com a unha no ferro, de dentro para fora.

Toc. Toc. Toc. Bem devagar.

A Ana saiu correndo e nunca mais voltou à sala sem alguém junto. Meses depois, ela se transferiu de escola. Ninguém relacionou a mudança ao que havia acontecido naquela tarde, mas ela nunca mais falou sobre a sala. Nos lembramos que o professor sempre falava que toda vez que alguém ficava por último na quadra, o “cara do armário” acordava para ver se ia ganhar uma companhia nova. Eu nunca acreditava, sempre achava que era uma história inventada por alunos idiotas que não tinham o que fazer. Até acontecer comigo. Eu nunca acreditava.

Depois desse relato, a gente começou a reparar que todo ano um aluno sumia da escola sem explicação. Sempre alguém que ficava para trás na aula de educação física.

Sempre alguém que era o último a sair da quadra. Quando comentávamos isso perto do professor, ele sempre mudava de assunto ou fingia não ouvir.

Foi numa sexta-feira chuvosa. A aula acabou mais tarde, porque o professor deixou a gente jogar futebol depois do horário. Todo mundo saiu correndo quando bateu o sinal, mas eu fiquei procurando meu celular que tinha sumido no meio das mochilas.

Quando eu percebi, a quadra já estava vazia.

O silêncio daquele lugar era estranho. A chuva batia no telhado de metal e fazia um barulho alto, mas parecia que ali dentro tudo ficava abafado. Foi aí que eu ouvi:

Toc.

Toc.

Toc.

Vindo da sala.

Na hora, eu me lembrei da história da Ana, mas tentei me acalmar sozinho. Devia ser cano velho ou alguma bola caindo. Mesmo assim, minhas pernas ficaram pesadas quando comecei a andar até a porta.

Ela estava entreaberta. E eu tinha certeza de que o professor tinha trancado. O barulho que fazia era inconfundível.

Empurrei a porta devagar, o rangido ecoou pela quadra inteira. Lá dentro estava escuro, entrando apenas um pouco de luz da janela quebrada perto do teto. O armário de ferro estava aberto de novo.

E tinha outra frase escrita:

“VOCÊ DEMOROU.”

Meu corpo gelou inteiro.

Então ouvi uma respiração.

Não atrás de mim.

Dentro do armário.

A porta começou a bater sozinha.

TOC.

TOC.

TOC.

Mais forte.

Mais rápido.

Eu tentei correr, mas senti alguma coisa segurando meu braço. Uma mão gelada, comprida, magra demais para ser humana. Quando olhei, vi um homem encolhido dentro do armário. Os olhos fundos. A pele cinza. E um sorriso aberto até quase rasgar o rosto.

Ele puxou meu braço com força.

Eu tentei gritar.

Mas parecia que o som não saía.

O armário por dentro não fazia sentido. Era muito maior do que deveria ser. Parecia um corredor escuro, cheio de vozes sussurrando nomes aleatórios, que depois percebi serem os nomes dos alunos desaparecidos, entre muitos outros que eu não conhecia. Tinha marcas nas paredes. Arranhões. Frases que pareciam ter sido escritas:

“ME TIRA DAQUI.”

“ELE NÃO DORME.”

“EU FUI O ÚLTIMO.”

“ANA.”

“MARCOS — 2014.”

“LETÍCIA — 2016.”

“NÃO DEIXE ELE FECHAR A PORTA.”

O homem me arrastava cada vez mais fundo.

Eu sentia o cheiro de ferrugem e coisa podre ficando mais forte. Tentei lutar, mas minhas forças sumiam. Quanto mais eu avançava, mais inscrições apareciam. Algumas eram tão antigas que mal podiam ser lidas. Outras pareciam ter sido escritas recentemente, como se alguém ainda estivesse preso ali.

Então ele chegou perto do meu ouvido e sussurrou:

— Agora é sua vez de guardar a sala.

Depois disso, tudo ficou preto.

Ninguém nunca mais me viu na escola.

Os alunos disseram que eu tinha mudado de cidade. Outros falaram que eu fugi de casa. O professor nunca comentou nada. Hoje eu acho que ele sempre soube o que existia dentro daquele armário.

Desde aquele dia, eu permaneci ali. Não exatamente vivo. Não exatamente morto. Apenas mais uma voz entre tantas outras.

Mas, às vezes, quando o último sinal toca e alguém passa perto da sala de educação física, dá para ouvir um barulho vindo do armário:

Toc.

Toc.

Toc.

E dizem que agora existe uma nova frase escrita lá dentro:

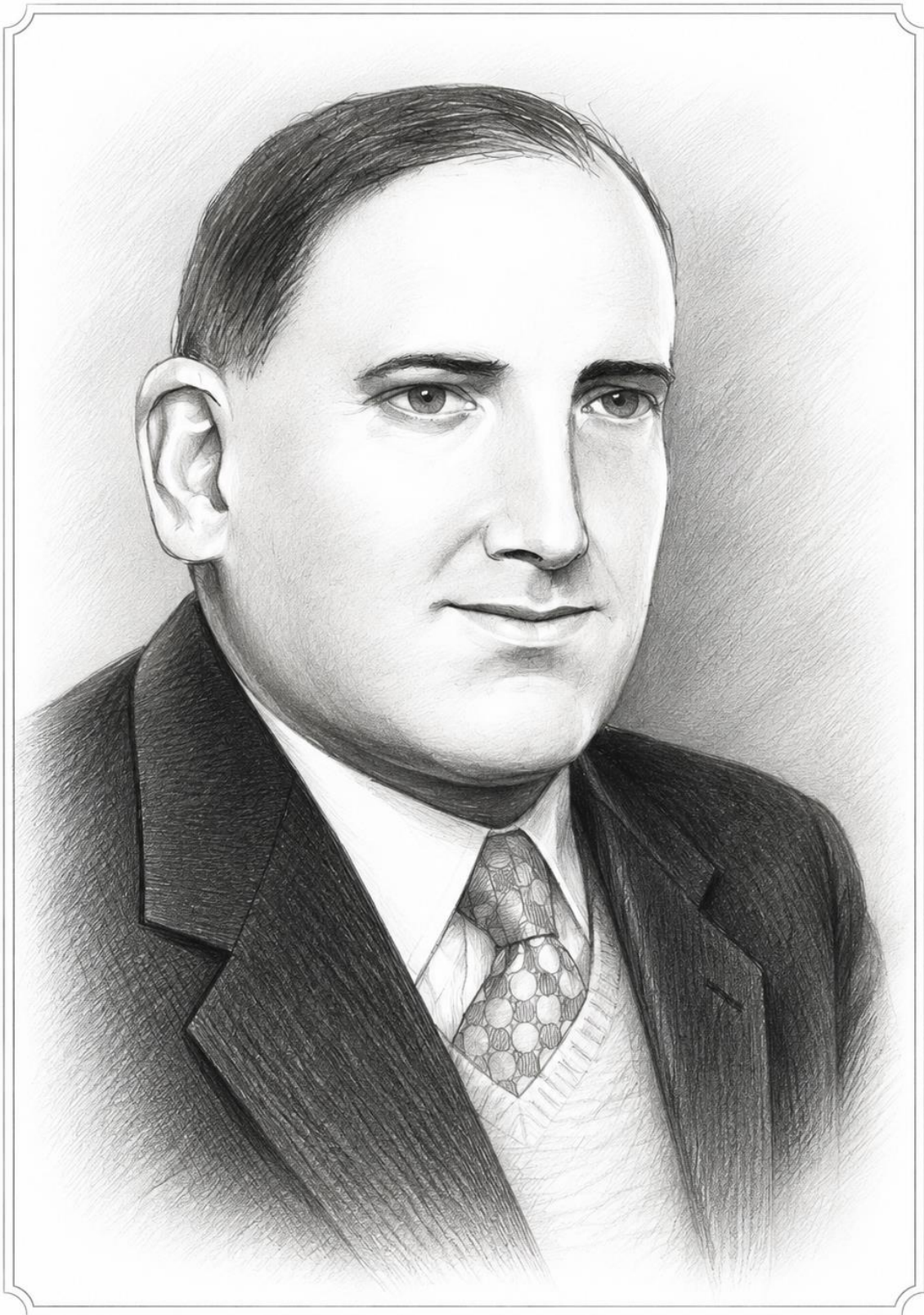
“QUEM ENTRA SOZINHO, NUNCA SAI.”

E quando a porta abre devagar, lá no fundo escuro do armário, dá para ver uma sombra parada.

Com o meu rosto.

Esperando.

Porque alguém sempre acaba ficando por último.



SUSSURROS...





ALGUMAS HISTÓRIAS NUNCA DEVERIAM SER ESCRITAS.

E.E. José Marques da Cruz,
existem histórias que atravessam gerações.

Alguns dizem que são apenas rumores. Outros juram
que certas coisas acontecem quando os corredores
ficam vazios e o silêncio toma conta da escola.

Ao investigar antigas lendas esquecidas pelo tempo,
um grupo de estudantes descobre que cada sala,
cada escada e cada canto do prédio guarda
fragmentos de um passado que nunca foi
completamente explicado.

O que parecia ser apenas imaginação começa
a revelar algo muito maior:
talvez a própria escola esteja amaldiçoada.

Mas algumas histórias não querem ser esquecidas.
Elas querem ser contadas novamente.

PÁGINAS E SOMBRAS

Um livro de mistério e terror escolar criado para
aqueles que têm coragem de descobrir o que se
esconde além das páginas.

Porque certos segredos nunca desaparecem.



UMA ESCOLA.
SEGREDOS ANTIGOS.



UM PASSADO CERCADO
DE MISTÉRIOS.



ALGUMAS HISTÓRIAS
NUNCA TERMINAM.

ELETIVA 2026

E.E. JOSÉ MARQUES DA CRUZ

